



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO CIÊNCIAS EXATAS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-ESPANHOL**

MARIA JOSÉ BRITO

**RELEITURAS DA CONQUISTA DA AMÉRICA NA VOZ DOS POVOS
ORIGINÁRIOS E NA PERSPECTIVA DE BARTOLOMÉ DE LAS
CASAS**

MONTEIRO – PB
2013

MARIA JOSÉ BRITO

**RELEITURAS DA CONQUISTA DA AMÉRICA NA VOZ DOS POVOS
ORIGINÁRIOS E NA PERSPECTIVA DE BARTOLOMÉ DE LAS
CASAS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras-
Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para obtenção do
grau de licenciado em Letras-Espanhol.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elda Firmo Braga

MONTEIRO – PB
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL – CAMPUS VI

B862r

Brito, Maria José.

Releituras da conquista da América na voz dos povos originários e na perspectiva de Bartolomé de Las Casas [Manuscrito] / Maria José Brito. – 2013.
55f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras com Hab. em Espanhol) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2012.

“Orientação: Profª Dra. Elda Firmo Braga, UERJ.”

1. Conquista. 2. História. 3. Literatura. I. Título.

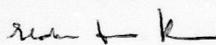
21.ed. CDD 863

MARIA JOSÉ BRITO

**RELEITURAS DA CONQUISTA DA AMÉRICA NA VOZ DOS POVOS
ORIGINÁRIOS E NA PERSPECTIVA DE BARTOLOMÉ DE LAS
CASAS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras-
Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para obtenção do
grau de licenciado em Letras-Espanhol.

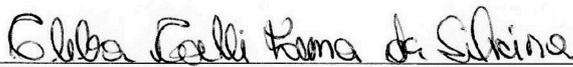
Aprovada em 27/08/2013.



Profª. Dra. Elda Firmo Braga / UERJ
Orientadora



Profª. Dra. Cristina Bongestab / UEPB
Examinadora



Profª. Dra. Gleba Coelli Luna da Silveira / IFRN
Examinadora

Profª. Ana Caroline Pereira da Silva

Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai José Antonino Brito (*in memoriam*), pelo orgulho que expressava em dizer aos parentes e amigos que tinha uma filha cursando o ensino superior. Foi este orgulho que me motivou sempre há ter forças para continuar esta minha caminhada marcada pela etapa da entrega do TCC e da formatura, mas que não deixa de ser só mais uma fase cumprida, simbolizando as muitas que futuramente virão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus em primeiro lugar, porém quero agradecer honrosamente à minha orientadora Elda Firmo Braga por contribuir maciçamente na realização deste sonho até mesmo na transitoriedade das horas mais difíceis;

Agradeço também a uma pessoa muito especial, o presente que Deus me privilegiou na vida que é Francisco, que em todos os momentos de alegrias e angústias sempre me transmitia força, coragem, fé, carinho, respeito, companheirismo, amor e outras coisas incomensuráveis que me faz cada dia nutrir e cultivar o sentimento mais puro que é o amor que eu sinto pelo meu *Thuco*, ele é a pessoa que mais crê e acredita em todo que eu faço e acredito que sempre me apoiará nas minhas conquistas e objetivos;

Eu não poderia deixar de agradecer ao meu amigo irmão Emerson Lima que é presença constante na minha vida acadêmica e na vida pessoal, *Mercinho* como eu o chamo: o presente que a Universidade me proporcionou, meu amigo de todas as horas;

À Jandirene Tiburcio pelas nossas conversas de desabafo;

À minha família, à *Mainha* que mesmo não imaginando o que significa essa conclusão desse trabalho e da minha jornada, mas do seu jeito contribuiu;

Aos meus irmãos;

À Sidney, meu irmãozinho, que nos últimos dias me chama de “Las Casas Júnior”;

Às minhas tias, que tenho um grande carinho, Francisca Antonino, Jozefa Antonino e Mercês Antonino sempre se preocupando com meus estudos e me ajudando financeiramente; e agradeço ainda as professoras Cristina Bongestab, Cristiane Aguires, Gleba Silveira, Grygena Targino e Ana Caroline Pereira por terem contribuído na minha formação acadêmica.

Por último, mas não menos importante, às minha amigas que levo onde quer que eu vá: Clara Gaião, Ivone Gomes, Leticia Rodrigues, Risoleide Barros, Maria José (nega) e seus familiares e aos meus colegas de turma.

BRITO, Maria José. *Releituras da conquista da América na voz dos povos originários e na perspectiva de Bartolomé de las Casas*. Monteiro, 2013. Monografia (Graduação em Letras/Espanhol) – Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2013.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar pontos convergentes entre *El Reverso de la Conquista*, de Miguel León Portilla, e *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*, de Bartolomé de las Casas. Ambas as obras retratam as injustiças cometidas pelos espanhóis durante a conquista da América Hispânica. Este estudo partirá dos antecedentes sociais, políticos e econômicos da Espanha no século XVI, explorará as possíveis relações interdisciplinares que podem ser estabelecidas entre literatura e história, contemplará a expressão literária como um elemento de denúncia contra as atrocidades cometidas pelos conquistadores e também como uma forma de defesa dos indígenas. Procuraremos relacionar a visão dos índios e uma perspectiva estrangeira de quem presenciou os conflitos ocorridos entre os espanhóis e os nativos da América naquele contexto sóciohistórico, bem como refletiremos acerca de alguns temas comuns presentes nos referidos livros: a cobiça e a tirania dos espanhóis, o impacto dos cavalos, o poder de destruição dos cães, a “Noite triste”, a criatividade nas torturas, a imagem dos povos originários como ovelhas, os testemunhos dos traumas indígenas, a escravidão do índio e o apelo à justiça divina.

PALAVRAS-CHAVE: Conquista. História. Literatura.

BRITO, Maria José. *Releituras da conquista da América na voz dos povos originários e na perspectiva de Bartolomé de las Casas* Monteiro, 2013. Monografia (Graduação em Letras/Espanhol) – Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2013.

RESUMEN

El presente trabajo tiene el objetivo de presentar puntos convergentes entre *El Reverso de la Conquista*, de Miguel León Portilla, y *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*, de Bartolomé de las Casas. Ambas las obras retratan las injusticias cometidas por los españoles durante la conquista de América Hispánica. Este estudio partirá de los antecedentes sociales, políticos y económicos de España en el siglo XVI, explotará las posibles relaciones interdisciplinarias que se puede establecer entre literatura e historia, contemplará la expresión literaria como un elemento de denuncia contra las atrocidades cometidas por los conquistadores y también como una forma de defensa de los indígenas. Buscaremos relacionar la visión de los indios y una perspectiva extranjera de quien presencié los conflictos ocurridos entre los españoles y los nativos de América en aquel contexto socio-histórico, bien como reflexionaremos acerca de algunos temas comunes presentes en los referidos libros: la codicia y la tiranía de los españoles, el impacto de los caballos, el poder de destrucción de los perros, la “Noche triste”, la creatividad en las torturas, la imagen de los pueblos originarios como ovejas, los testimonios de los traumas indígenas, la esclavitud del indio y el apelo a la justicia divina.

PALABRAS-CLAVE: Conquista, Historia, Literatura.

Sumário

Introdução	11
1. Reflexões teóricas	16
2. Aproximações entre Literatura e História	23
3. Literatura e denúncia social	30
4. A conquista da América na perspectiva dos povos originários e de Las Casas	35
Considerações finais	50
Referências	53

Introdução

O livro *El Reverso de la conquista*, de Miguel León Portilla, – como indica o sentido da palavra “reverso”, presente em seu título – recupera a voz dos povos originários e apresenta outra visão sobre a conquista de América. Os textos indígenas presentes nesta obra – cantares, narrativa, poemas – são testemunhos da visão de três grupos indígenas em especial (Maias, Astecas e Incas) e se caracterizam por uma acentuada expressão poética. Estes registros figuram como uma representação dramática da conquista e, ao mesmo tempo, relativiza a historiografia oficial ao mostrar “a perspectiva e a imagem do outro” (MORENO DE LOS ARCOS, 2003, p.4).¹

Esta obra, traduzida para vários idiomas (francês, alemão, italiano, português, etc.), apresenta alguns episódios referentes à conquista espanhola do “Novo Mundo”, nos séculos XVI e XVII, a partir da perspectiva do conquistado. Bem como retrata a tragédia e os traumas da conquista na visão dos povos indígenas, suas derrotas, os massacres que os vitimaram, a exploração que eles e suas terras sofreram.

As recopilações presentes nesta obra nos oferecem um verdadeiro tesouro. Tratam-se de registros históricos relatados em uma linguagem literária que emprega, muitas vezes, interessantes imagens poéticas. Estes textos nos permitem um acesso a um rico universo e demonstram o impacto que esses povos, suas vidas, entorno natural, cultura, costumes, ritos, tradições e crenças sofreram com a conquista.

El Reverso de la conquista traz emocionantes cantos que descrevem a visão indígena do processo de conquista, como os que nos mostram o sentimento de angústia, desespero, solidão e desespero após as inúmeras perdas humanas e cultural-religiosas que sofreram.

*En los caminos yacen dardos rotos,
los cabellos están esparcidos.
Destechadas están las casas,
enrojecidos tienen sus muros.
Gusanos pululan por calles y plazas,
y están las paredes manchadas de sesos.
Rojas están las aguas, cual si las hubieran teñido
y si la bebíamos, eran agua de salitre.
Golpeábamos los muros de adobe en nuestra ansiedad
y nos quedaba por herencia una red de agujeros.
En los escudos estuvo nuestro resguardo,*

¹ “la perspectiva y la imagen del otro”. (MORENO DE LOS ARCOS, 2003, p.4). – Obs.: Todas as traduções presentes neste trabalho são de nossa autoria.

pero los escudos no detienen la desolación...
(Anónimo de Tlatelolco (1528) In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.20-21)
¡Déjennos pues a morir,
Déjennos ya perecer,
Puesto que ya nuestros dioses han muerto!
(Testimonios aztecas de la conquista. In: LEÓN PORTILLA, 1992, p.21)

O autor mexicano Miguel León Portilla nasceu em 1926, na colônia de Santa Maria a Ribeira da Cidade do México e vem de uma conhecida família de arqueológicos. Filho de Luisa Portilla Nájera e Miguel León Ortiz, León Portilla é doutor em filosofia pela Universidad Nacional Autónoma do México (UNAM), membro da academia mexicana de História e de Língua, do Colégio Nacional e da *National Academy of Sciences*, nos Estados Unidos, Professor da Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM e autor de múltiplas publicações sobre história, língua e escritura dos povos do México pré-hispânicos e do México indígena contemporâneo. Sem dúvida, um de seus maiores títulos é o de guardião da antiga palavra.

León Portilla sabe latim e grego, conhece o hebraico, fala francês, inglês, alemão e italiano e, sobretudo, tem um profundo conhecimento da língua *náhuatl*, fato que lhe permite resgatar, traduzir, publicar e divulgar o *tlatolli* – a antiga palavra dos povos *nahuas*.

Para León Portilla a sabedoria ancestral dos *nahuas* não é considerada como um simples feito do passado, senão um elemento importante dessa civilização que, na atualidade, precisa ser contemplada e valorizada, pois faz parte da raiz de um povo e um homem sem raiz, para o *nahuas*, é algo que não tem sentido.

O livro *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*, do frei dominicano espanhol Bartolomé de las Casas, oferece-nos uma representação dos efeitos causados pela chegada dos espanhóis à América. Nesta obra, Las Casas apresenta os mais variados tipos de destruição – palavra que aparece inclusive no título da obra – dos povos indígenas e de suas formas de vida. O objetivo do frei, ao elaborar esta obra, era apresentar uma denúncia aos reis da Espanha acerca dos excessos ocorridos no processo de conquista da América e, também, de se posicionar em favor dos indígenas. Por conta dessa postura, Las Casas foi reconhecido, mais recentemente, como o precursor dos direitos humanos em nosso continente.

O dominicano usou a escrita para denunciar as injustiças e atrocidades cometidas pelos conquistadores no chamado “Novo Mundo”. Em seu texto, Las Casas descreve a América como a mais bela e rica terra que havia no mundo, um paraíso terrestre, e apresenta seus

habitantes (povos originários) – comparando-os à imagem de uma ovelha – como seres humanos mansos, e também belos e inteligentes.

Las Casas denunciou o fato dos espanhóis combaterem injustamente os indígenas, pois além da desproporcionalidade entre o poder das armas utilizadas pelos dois lados, os conquistadores provocavam muitos conflitos, especialmente, por causa da ganância demasiada que possuíam pelas riquezas existentes na América.

O impressionante nos escritos de Las Casas é que em nenhum momento ele se desvia da linha do seu propósito. Movido pelo desejo de justiça para os povos originários do imenso continente americano, o frei relata as mortes, as perseguições, a violência e os roubos que causaram diversos infortúnios aos indígenas.

Las Casas foi o primeiro sacerdote ordenado na América. Ele nasceu em Sevilha em 1474 e morreu em 1566 no convento de Nossa Senhora de Atocha, em Madri. De família de comerciante, seu interesse humanístico surgiu quando participou de uma das expedições à América, na qual Colombo era o comandante.

Joaquim Brasil Fontes, em seu texto “O autor” recupera a descrição que o poeta cubano José Martí fez de Las Casas:

Dizem que era lindo vê-lo escrever, com sua túnica branca, sentada na cadeira de couro e tachas, com a mão fazendo dançar a pluma de ave, já que escrevia sempre devagar: De repente, levantava-se da cadeira, como se ela o queimasse: apertava a fronte com as mãos, andava por seu quarto em grandes passadas, o rosto atormentado, como padecendo de uma dor profunda. Era que estava escrevendo, em seu livro famoso sobre a “Destrucción de las Índias”, os horrores que vira nas Américas quando chegou a gente da conquista. Os olhos se incendiavam no rosto coberto de lágrimas. Assim o ensaísta o poeta cubano José Martí descreve Las Casas exercendo o que viria a ser sua atividade primordial: escrever (FONTES, 2000, p.17).

Justificamos o estudo comparativo que propusemos fazer de *El Reverso de la Conquista* e de *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* a partir do nosso desejo de termos acesso a outras fontes e perspectivas diferentes das registradas pelos cronistas espanhóis. Além disso, percebemos os referidos livros de León Portilla e Las Casas como uma forma de relativizar um discurso que foi prestigiado pela historiografia durante séculos.

Nesse sentido, o tema deste trabalho é a releitura da conquista de América a partir da visão dos povos originários e da perspectiva de Bartolomé de las Casas. Sendo assim, nosso objetivo principal é realizar um estudo comparativo entre *Brevísima relación de la destrucción*

de las Indias e *El reverso de la conquista*, buscando ressaltar e refletir acerca de alguns dos pontos comuns presentes nas referidas obras.

Para tanto, nossa pesquisa se fundamenta na reflexão acerca do seguinte questionamento: a partir de registros indígenas difundidos por León Portilla e de percepções de Las Casas, quais os principais pontos em que ambos os livros em estudo convergem na abordagem que fazem de fatos históricos referentes à conquista da América?

Nossa hipótese se baseia na consideração de que alguns episódios relativos à conquista da América são registrados de forma bastante similar nas obras que compõem o nosso *corpus* no que diz respeito às atrocidades e injustiças cometidas contra os povos originários no período em que nos ocupamos em nossa pesquisa, séculos XVI e XVII.

Consideramos os livros de León Portilla e de Las Casas como textos que nos oferecem visões da história de um determinado período, bem como figura como uma expressão literária, quando encontramos a presença de uma linguagem poética e também a utilização de alguns recursos linguísticos. Dessa forma, teremos em conta as possíveis relações que podemos estabelecer entre literatura e história. Para o estudo proposto, também contaremos com um suporte crítico-teórico que projetam uma visão sóciohistórica da conquista da América Hispânica e de seus principais acontecimentos e consequências.

No primeiro capítulo, abordaremos uma contextualização sóciohistórica da época da conquista. Para tanto contaremos com uma série de livros organizados por Bethell e intitulados “Historia de América Latina”; e também “A conquista da América” de Todorov, além de “Veias abertas da América Latina”, de Galeano e ainda “Os Mecanismos da Conquista Colonial” de Romano.

No segundo capítulo, contemplaremos o conceito de “narrativas de extração históricas” que trata das aproximações entre literatura e história em alguns textos que relatam eventos e fatos hispano-americanos. Aqui nos apoiaremos no livro “América: história e ficção” de Trouche e “Historia de la literatura hispano-americana”, de González Echevarría e Popu-Walker.

No terceiro capítulo, faremos uma reflexão acerca da importância da literatura de denúncia, de defesa e luta por justiça. Contaremos aqui com os livros “Creación y Praxis – La producción literaria como praxis social en Hispanoamérica y el Perú” de Losada e “La novela en América Latina: Diálogos” de García Márquez e Vargas Llosa e ainda com “Literatura e Sociedade” de Candido.

No quarto e último capítulo, nos centraremos no estudo do nosso *corpus*. Compararemos a voz dos indígenas, recompiladas por León Portilla, e a visão de Las Casas a partir dos seguintes tópicos que privilegiamos: a cobiça e a tirania dos espanhóis, o impacto dos cavalos, o poder de destruição dos cães, a “Noite triste”, a criatividade nas torturas, a imagem dos povos originários como ovelhas, os testemunhos dos traumas indígenas, a escravidão do índio e o apelo à justiça divina.

1. Reflexões teóricas

A conquista de novas terras por parte dos europeus e, principalmente, dos espanhóis no período que concerne ao final do século XV e o século XVII se dá a partir de determinadas circunstâncias políticas, religiosas e econômicas.

Na esfera **política**, a Espanha tinha como objetivo uma ampliação territorial, ou seja, o aumento dos domínios geográficos de seu reino e a expansão da doutrina católica e do número de fiéis. A monarquia e a igreja cobiçam também as riquezas que poderiam ser encontradas, pois uma parte iria para os reis e outra para instituições católicas.

Em 1469, Fernando e Isabel, reis católicos espanhóis, se casam e, conseqüentemente, juntam as coroas de Castilha e Aragão. Esta união contribuiu fortemente para a unificação da Espanha no final do século XV. Estes monarcas acreditavam que lhes era atribuída: “uma missão de designação divina para derrubar os últimos restos da dominação árabe e purificar a península de qualquer elemento contaminante, como preparação para o evangelho as partes mais remotas da terra” (BETHELL, 1990, p.132).²

Os reis Fernando e Isabel acreditavam que tinham como missão purificar toda e qualquer área territorial utilizando-se da fé católica. É com esta crença que a Espanha inicia a conquista e colonização da América, apropriando-se das terras coletivas indígenas e impondo o cristianismo aos povos originários.

Durante a conquista, colonização e exploração do “Novo Mundo”, a autoridade da coroa espanhola era devidamente definida. Um exemplo desse domínio monárquico é a presença, em toda expedição que os homens de *Castilla* realizavam, de ministros das finanças que tinham a função de cobrar os tributos reais. Nesse sentido, a exploração de riquezas proporcionava um intenso lucro para a Espanha e o “novo” continente passa a ser, para os reis católicos e para os conquistadores, “uma grande ocasião, uma oportunidade que é preciso aproveitar com a quase certeza de não deixar passar.” (ROMANO, 1995, p.26)

Os indígenas pensaram que os primeiros espanhóis que desembarcaram em suas terras eram seres enviados por seu Deus Supremo (*Quetzalcóatl*), fato que facilitou, em grande medida, o início da conquista e da exploração das riquezas do “Novo Mundo”.

² “...una misión de designación divina para derribar los últimos restos de la dominación árabe y purificar la península de cualquier elemento contaminante, como preludio para llevar el evangelio a las partes más remotas de la tierra.” (BETHELL, 1990, p.132).

Por conta de um longo período de guerra interna promovida contra os mouros, conhecida por “Reconquista”, a Espanha se encontrava estagnada economicamente e foi graças às riquezas americanas que conseguiu se reerguer.

No século XV, além da “Reconquista” iniciada nas centúrias anteriores, houve outro evento que abalou fortemente não somente a Espanha, como várias nações europeias, a grande epidemia conhecida como “peste bubônica”, cujo efeito e alcance se prolongaram pelo século seguinte.

Como consequência desta epidemia, não havia pessoas suficientes para os trabalhos na metrópole. Diante desse fato, Colombo teve a iniciativa de por em prática o tráfico escravo de indígenas, no qual o índio americano era tratado como uma mera mercadoria ou objeto.

Os avanços ocorridos na Europa eram, em grande parte, derivados da empresa marítima que crescia impulsionada pela expansão das fronteiras geográficas. No caso específico da Espanha, os novos caminhos para as Índias Orientais, como vimos, contribuíram para que sua economia prosperasse.

A possibilidade das novas conquistas apresentava uma diversidade de opções, porque os exploradores podiam comercializar, invadir, estabelecer-se ou seguir viagem. A escolha dessas opções era realizada pelo comando da expedição que levava em conta as condições naturais do espaço a ser explorado. Um conquistador nunca estava sozinho e sua capacidade de sobrevivência era sempre posta a prova e também sua habilidade de mobilizar homens e recursos para poder conduzir os seus homens à vitória.

O período compreendido entre a descoberta e o início da conquista (de 1492 a 1519) culminou em uma época de aceleração e intensas atividades nas “Índias”. Com aumento do interesse pela busca de terras e continentes a serem colonizados e explorados, as fronteiras estavam em constantes movimentos e, com isso, ficava um pouco mais fácil conseguir homens que aceitassem fincar raízes e estabelecer-se em “novas terras”.

O ano de 1492 foi muito significativo para a história da Espanha, porque houve a expulsão dos mouros de Granada consolidando a unidade política interna e a pacificação do reino, possibilitando - assim - uma expansão marítima em busca das preciosas especiarias e novas terras a serem conquistadas como a chegada à América, como ressalta Todorov: “conseguindo a vitória sobre os mouros na derradeira batalha de Granada e forçando os judeus a deixarem seu território; e descobre o outro exterior, toda essa América que virá a ser latina” (1999, p.59). Em consequência da descoberta e conquista de um novo continente,

houve a oportunidade de “arrecadar” riquezas para os cofres espanhóis, com isso Colombo atribui o seu feito extraordinário de encontrar o “Novo Mundo” a vontade de Deus por lhes proporcionar a ocasião oportuna de deparar com o “paraíso perdido”.

O âmbito **religioso** da conquista estava presente em todos os processos e, inclusive, na personalidade do navegador Cristóvão Colombo. Para ele, tudo era providência de Deus, até mesmo os naufrágios que ocorriam durante suas viagens. Além disso, na época da conquista do “Novo Continente”, a união entre o Estado e igreja era forte e consolidada. A “espada” simbolizava a força da política imperialista da Espanha. A “cruz” representava a Igreja Católica e seus interesses em expandir o cristianismo e também em aumentar o poder aliado com a coroa.

Essa junção entre igreja e Estado tinha também como foco principal expandir o comércio espanhol com outros países e explorar as suas colônias; também havia uma preocupação por frear a propagação do protestantismo iniciado na Alemanha por Martinho Lutero. Com esse avanço dos protestantes, o domínio da igreja católica na Europa diminuiu. No entanto, o “Novo Mundo” poderia compensar a perda de fiéis que sofreu. A conquista terá estes dois aspectos essenciais: da busca de exploração e riqueza para o Estado, e da cristianização de novo fiéis (TODOROV, 1999, p.50).

A partir dos séculos que tangem ao processo de conquista da América, Estado e Igreja seguem juntos, incondicionalmente, por causa dos interesses em comum, ou seja, riquezas e expansão do catolicismo.

Era considerado importante, no ato de tornar possível a posse do território por parte dos espanhóis, cristianizar, catequizar os indígenas. Estes eram tidos, inicialmente, como pessoas dóceis, isso facilitava a imposição do cristianismo; nesse sentido: “um conjunto surpreendente de circunstâncias de ordem religiosa contribuiu poderosamente para tornar a tarefa mais fácil para os espanhóis” (ROMANO, 1995, p.12).

A religião católica protagonizou seus feitos vitoriosos durante a conquista, devido os espanhóis haver vindo de uma recente vitória contra os mouros, existia um espírito de cruzada que estimulava e se transportava para o “Novo Mundo”; contribuindo sobremaneira para uma penetração e propagação da fé, utilizando o sinal da cruz, símbolo este que foi protagonista de um dos primeiros atos feito por Cristóvão Colombo quando chegou à América. Como não poderia ser diferente ele fincou uma cruz, símbolo do início da conquista espiritual. No entanto,

Resta assinalar que as falências das religiões indígenas ajudou a penetração da cruz. Essa falência foi facilitada, também, pelo fato de que a autoridade religiosa e a autoridade política estavam frequentemente confundidas em uma mesma pessoa física acarretando a queda do poder leigo o desmoronamento do poder religioso e dos valores que representava (ROMANO, 1995, p.13).

Os espanhóis se preocupavam em construir igrejas, capelas e em converter os índios em “cristãos”, ensinando-lhes o cristianismo e o amor ao próximo. Com o início da “cristianização” dos indígenas, esses povos tiveram os seus templos destruídos e perderam pedras preciosas e objetos de valor.

O processo de evangelização tinha como objetivo a apropriação de terras e do que nela encontrasse. Além disso, os conquistadores se sentiram no direito de impor outra cultura, subtraindo assim de uma coletividade o que se possuía de mais íntimo que eram seus hábitos, suas manifestações culturais, entre outros. Então vale salientar que:

Será, pois, preciso considerar a evangelização pelo que ela foi em relação aos índios da América: uma forma complementar de agressão. Pois trata-se evidentemente de agressão quando se tende a modificar, sob o pretexto de religião, hábitos que remontam as origens de um povo (ROMANO, 1995, p.13).

Portanto, a cruz e a espada se complementam no processo de conquista, ambas colocam em risco todo um sistema político, moral, cultural e religioso de uma imensa população indígena. Como consequência deste processo, ocorre a desintegração quase total da cultura e da religiosidade de várias civilizações indígenas existentes no “novo continente”.

Durante a conquista, havia vários motivos essenciais para iniciar a exploração, e a principal era tornar o “Novo Mundo” cristão, imbuindo os índios a uma nova religião e, em troca, levavam todas as riquezas. Cristianizar os indígenas significou disseminar o catolicismo, impor valores europeus. A conversão religiosa foi o principal objetivo para poder iniciar a expansão espiritual, como afirma Todorov:

Está indissolivelmente ligada a conquista material [...], é através da conversão que a Espanha tira proveito transportando toda riqueza e tomando posse das terras em nome dos reis católicos da Espanha, era incontestável negar que era pela ‘vontade divina’ (1999, p.52).

No entanto, o processo de evangelização é um fato a se considerar como uma das formas de agressão por conta da maneira como foi imposta e estabeleceu paradigmas sociais e religiosos a ser seguidos.

No campo **econômico**, a Espanha no final do século XV passou por uma intensa crise. Como já citamos anteriormente, o país esgotou seus cofres devido às sucessivas guerras contra os muçulmanos durante a reconquista.

Todorov (1999) expõe que Colombo, ao chegar ao “Novo Mundo”, achou ter encontrado as Índias, ou seja, um novo acesso ao oriente. Porém, com o passar do tempo, percebeu que estava em terras totalmente desconhecidas e que, devido ao tamanho de sua beleza natural, entendeu ser como um paraíso terrestre:

As árvores eram ali tão viçosas que suas folhas deixavam de ser verdes e ficavam escuras de tanto verdejar (16.12.1492). Veio da terra um perfume, tão bom e tão suave, das flores ou das árvores, que era a coisa mais doce do mundo (19.10.1492). Ele diz ainda que aquela ilha é a mais bela que os olhos jamais viram (28.10.1492). Ele disse que nunca tinha visto coisa mais bela do que aquele vale no meio do qual corre o rio... (COLOMBO *apud* TODOROV, 1999, p.28).

A conquista de novas terras seria um grande alívio, pois novos territórios significavam mais poder. Além disso, não era uma quantidade pequena de terra, mas um vasto continente que os europeus acreditavam ser o paraíso: uma natureza exuberante e notória fonte de riqueza.

Não podemos nos esquecer de que um dos principais objetivos dos primeiros conquistadores era o seu próprio enriquecimento pessoal. Diante desta meta, se configura o seguinte panorama:

No início, foi o roubo: roubo de joias, violação dos túmulos, pilhagem dos tesouros constituíram as primeiras recompensas da conquista. Mas as riquezas acumuladas de um povo rapidamente se esgotaram. Restam, então, as riquezas naturais do lugar conquistado: a terra, as minas, as areias auríferas (ROMANO, 1995, p.34-35).

Para a obtenção de riquezas naturais era preciso contar com mão de obra. Por isso, os conquistadores passaram a utilizar o trabalho forçado dos indígenas, impondo-lhes a escravidão na exploração de minas, na procura de metais preciosos como ouro e prata; fato que provocou muitas mortes entre os índios. Dessa forma, os espanhóis usurpavam não somente as riquezas dos povos indígenas, mas também sua própria dignidade, além de sua força e energia por conta de trabalhos forçados na terra, em minas, nas areias auríferas dos rios. Nesse sentido, de acordo com Romano (1995), “esses escravos também representaram, para os conquistadores, um elemento importante de sua implantação econômica, a custa da violência e de uma ruptura de ordem moral” (p.46).

Na compreensão de Bethell (1990), para haver - de fato - uma conquista, as terras teriam de ser povoadas. Logo, o primeiro ato que se toma quando os espanhóis chegam à América é o de povoar. Nas palavras do conquistador Francisco López de Gomara “quem não povoar, não fará boa conquista, e não conquistando a terra, não se converterá a gente: assim o conquistador ha de povoar” (LOPEZ DE GOMARA *Apud* BETHELL, 1990, p. 126)³.

Além das circunstâncias políticas, econômicas e religiosas, apresentadas anteriormente, houve também intensas lutas na época da conquista. A força e a superioridade bélica dos espanhóis foram empregadas para desestruturar e, ao mesmo tempo, combater a resistência indígena. Além disso, os espanhóis reproduziram várias das técnicas e métodos utilizados na “Reconquista” ocorrida na Espanha medieval. Nessa perspectiva:

A desestruturação é, portanto, um elemento, e um elemento determinante, da conquista. Mas depois da conquista torna-se um instrumento da manutenção da supremacia de certos grupos que surgem como dominadores da conquista (ROMANO, 1995, p.18).

Sendo assim, os mesmos elementos que a Espanha utilizou na “Reconquista”, empregou na conquista da América, como a espada e a cruz e todo o simbolismo que representam. *La espada* que simboliza a força da política imperialista da Espanha “não [oferecia] apenas as vantagens estritamente militar (...), mas vantagem psicológica que sabem tirar da situação” (ROMANO, 1995, p.08). *La cruz* figura como um símbolo da igreja. Uma das primeiras ações dos conquistadores no “Novo Mundo” foi cravar uma cruz nestas terras, assim tomavam posse da região conquistada em nome da coroa e da igreja, como podemos observar na seguinte declaração de Romano: “O primeiro gesto de Cristóvão Colombo, ao tomar posse da terra, foi fincar uma cruz. Tomada de posse (com a bandeira dos reis da Espanha), justificação, arma, instrumento de reinado: a conquista espiritual das Américas começava” (ROMANO, 1995, p.17)

Cabe destacar que o próprio homem europeu era, desde o princípio, uma “arma” contra os indígenas, porque trazia consigo várias epidemias e enfermidades europeias que se propagavam rapidamente pela população indígena.

Dessa forma, as epidemias como a varíola, o sarampo, a gripe, dentre outras doenças, dizimaram milhares de índios no “novo continente”. Romano (1995) descreve a fragilidade dos indígenas perante essas enfermidades: “Para as populações da América completamente

³ “quien no poblare, no hará buena conquista, y no conquistando la tierra, no se convertirá la gente: así que la máxima del conquistador ha de ser poblar”. (LÓPEZ DE GOMARA *Apud* BETHELL, 1990, p.126).

desprovidas de imunização contra certas doenças, insignificantes para os brancos, um simples resfriado pode significar a morte” (p.17).

Diante de um cenário de milhares mortes de indígenas provenientes da resistência indígena ou causadas por enfermidades alheias ao seu universo, podemos atribuí-las a um genocídio⁴. Para Romano (1995), os massacres ocorridos durante a conquista e colonização: “é um fato que nossa consciência moral nunca deve esquecer. Mas ao nível da explicação, da compreensão crítica deste enorme fenômeno que foi a conquista, isso não pode ser suficiente” (p.18).

Segundo Bethell (1990), quase todas as batalhas foram incentivadas pela coroa e ordens religiosas, pois a conquista não teria valor se não houvesse a conversão dos povos indígenas que habitavam a América. A conquista aqui tem outros sentidos: como invadir, subtrair, avançar, expolir. Como também declara Romano (1995): “O desenrolar dos acontecimentos da conquista há muito tempo que está determinado e muito bem determinado. Expedições, batalhas, datas da ocupação dos diferentes territórios, tudo esta em ordem, claro, bem definido” (p.07).

De acordo ainda com Bethell (1990), os conquistadores a princípio ocupam e exploram a terra, para posteriormente conceber de fato o poder e a riqueza, apossando-se de ouro e também dos próprios habitantes da América. Os desejos de ganhar honras era outra ambição da sociedade europeia. Logo, participar ativamente desse tipo de conquista já era considerado um fato louvável, porque contava com o reconhecimento e agradecimento dos reis espanhóis e, em consequência destes feitos, poder-se-ia garantir alguma posição de destaque na corte.

Com base no que já foi exposto, podemos pensar que a conquista consistiu na exploração de riquezas e opressão dos índios, fazendo de uma “necessidade” econômica e religiosa a justificativa para a violência empregada contra as populações indígenas da América.

4 “Exterminio o eliminación sistemática de un grupo social por motivo de raza, de etnia, de religión, de política o de nacionalidad.” “Exterminio ou eliminação sistemática de um grupo social por motivo de raça, de etnia, de religião, de política ou de nacionalidade”.

2. Aproximações entre Literatura e História

Para pesquisadores como Portilla (1992), Romano (1995), Todorov (1999) entre outros, as crônicas da conquista do "Novo Mundo" nos oferecem uma forma de acesso a fatos históricos relativos aos séculos XVI e XVII no que diz respeito à chegada dos conquistadores europeus na América.

Desde o início, existe uma configuração híbrida nestes relatos, pois ainda que retratem um processo histórico, utilizam vários recursos literários. Os relatos de Cristovão Colombo descreviam o cotidiano de sua expedição patrocinada pelos reis da Espanha. Esses escritos eram uma espécie de prestação de contas, mas também narravam as vitórias dos conquistadores:

O Novo Mundo tratou de estratégias verbais completas para montar suas autodefensas e petições. Antes que se subordinasse a ação, a escrita se converteu em uma forma essencial da ação em si mesmo e uma consciência de efeito que causariam suas palavras tornar-se evidente entre as primeiras escrituras. Assim foi como os homens de armas, às vezes mal preparados para esta tarefa, se converteram em homens de letras que podiam dar formas a textos com tantas tonalidades e estrategicamente construídas como muitas obras literárias (GONZÁLEZ ECHEVARRÍA; PUPO-WALKER, 2006, p.86).⁵

Escrever para os reis da Espanha a fim de prestar conta das expedições era, rotineiramente, um ato reflexivo, obrigatório e informativo. Vários destes relatos de conquista utilizavam recursos empregados na literatura medieval e, especialmente, inspiravam-se no romance de cavalaria. Uma parte da história da América, presente nestas crônicas, tem um significativo valor literário: "cada uma destas obras conta uma história de ouro e alma, uma vez que oferece seus próprios relatos ameríndios." (GONZÁLEZ ECHEVARRÍA; PUPO-WALKER, 2006, p.87).⁶

Ainda segundo González Echevarría & Pupo-Walker (2006), pelo fato de vários relatores da conquista ser europeus, eles compartilham uma ampla herança da cultura

⁵ Nuevo Mundo tramaron estrategias verbales complejas para montar sus autodefensas y peticiones. Antes que subordinarse a la acción, la escritura se convirtió en una forma esencial de la acción en sí mismo y una conciencia del efecto que causarían sus palabras es evidente entre estos primeros escritores. Así fue como los hombres de armas, a veces mal preparados para esta tarea, se convirtieron en hombres de letras que podían dar forma a textos tan matizados y estratégicamente contruidos como muchas obras de literatura. (GONZÁLEZ ECHEVARRÍA; PUPO-WALKER, 2006, p.86).

⁶ "cada una de estas obras cuenta una historia de oro y alma, a la vez que ofrece su propio relato de los amerindios" (GONZÁLEZ ECHEVARRÍA; PUPO-WALKER, 2006, p.87).

medieval, principalmente no que se refere à religiosidade, e um espírito de iniciativa comercial e científica, porém com sentido de honra.

Cada cronista-conquistador da América tinha a finalidade de dar ênfase na conversão religiosa dos nativos. Escritores como: Colombo e Cortés entre outros, compartilhavam do elemento educacional e ideológico que era herança medieval e narravam seus feitos heroicos e sua contribuição para a propagação da fé católica e seus atos realizados em nome de Deus.

O elemento religioso era uma peça fundamental para colonização, pois se partia de uma conversão para, posteriormente, haver de fato a exploração. Exploração e/ou conquista escrita e/ou contada muitas vezes por meio do olhar do próprio conquistador: “Cada um deles escreve e desde o Novo Mundo, descrevendo o Velho Mundo pela primeira vez e contribuindo assim outra peça empresa coletiva que é a conquista e a conversão” (GONZÁLEZ ECHEVARRÍA; PUPO-WALKER, 2006, p.87).⁷

De acordo com Trouche (2006), no caso das crônicas de conquista, constrói-se uma relação dialógica entre o discurso literário e o histórico, pois o cronista retrata em sua construção literária aspectos históricos, dando a conhecer que este diálogo vem da longevidade e das discussões que os envolvem. Isso acontece desde as primeiras reflexões teóricas a respeito de textos literários. Como percebemos, literatura e história envolvem-se desde os primórdios das civilizações, ambas estão intrinsecamente ligadas por um elo temporal: “[...] nos textos unanimemente considerados como fundadores de toda a literatura ocidental, mito e história entrecruzam-se na organização da narrativa” (TROUCHE, 2006, p.32).

A literatura e a história são duas narrativas distintas, baseia-se na aproximação ou transferência de fatos históricos e possuem propósitos diferentes de retratar a “realidade” por meio de processos discursivos. Segundo Trouche (2006), atualmente, a história passa por reflexões e mudanças promovidas por uma busca de se autorrevisar, impulsionando uma releitura de determinados fatos, incorporando perspectivas que não foram privilegiadas anteriormente, buscando estabelecer questionamentos. A partir dessas novas formas de se conceber a história, passam a coexistir três tendências: a primeira se baseia em um conceito mais tradicional de “verdade histórica”; a segunda se fundamenta na compreensão de que a história é uma construção cultural, com um grau de subjetividade que depende de uma (re)

⁷ “Cada uno de ellos escribe de y desde el Nuevo Mundo, describiéndolo al Viejo Mundo por primera vez y contribuyendo así otra pieza a la empresa colectiva que es la conquista y la conversión.” (ECHEVARRÍA; 2006, p.87).

avaliação das fontes dos documentos; e a terceira se trata de uma abertura maior do conceito do fato histórico, pois amplia a percepção dos acontecimentos, mostrando o que tem e/ou teve uma significância para uma comunidade ou sociedade, incorporando elementos do cotidiano e as experiências dos indivíduos comuns.

Na visão de Trouche (2006), a literatura tem pelo menos três características que permitem uma aproximação entre história e ficção. A primeira se vincula ao interesse de algumas tendências ou épocas literárias pelo passado histórico ou por se situar dentro de um marco histórico/social determinado. A segunda diz respeito à permanência do interesse pelo passado das questões de referencialidade desde as primeiras manifestações literárias, que focalizam as preocupações e especulações teóricas envolvendo críticos e criadores. A terceira se relaciona à importância do sentido de autoquestionamento presente no processo literário, levando assim a uma abertura na concepção de discurso e de narrativa ficcional, além de validar e ultrapassar quaisquer barreiras mais rígidas que pretendessem impor limites ao literário.

As narrativas ficcionais possuem mais liberdade do que o discurso histórico, fato que permite ao texto ficcional romper e/ou relativizar a própria história, configurando a subversão da literatura que parte de um dado universo histórico para posteriormente invadir o campo da ficção. Portanto, sua própria liberdade em transgredir/subverter pode contribuir com a própria história, como também revelar as crenças, os valores/regras sociais de uma sociedade e/ou comunidade.

Como a epopeia clássica, demonstrará que a demarcação proposta por Aristóteles entre o poeta e o historiador indica a articulação entre história e mito, entre o real e o maravilhoso. O herói partia sempre do universo do real – do histórico (a guerra de Tróia, por exemplo) –, porém, condenado às peripécias que ultrapassavam os limites do humano, inscrevia-se no campo do maravilhoso, do mítico, do ficcional (TROUCHE, 2006, p.34).

Com o passar dos séculos, as transformações ocorrem e os dados históricos substituem o maravilhoso na composição narrativa épica: “[...] a epopeia latina, pela epopeia medieval e pela epopeia renascentista ilustra, de maneira nítida, o processo de afirmação do componente histórico em detrimento do maravilhoso [...]” (TROUCHE, 2006, p.34).

As modificações que operam no processo da transformação do dado histórico foram surgindo, mesclando fatos históricos com a ficção, assim permitindo o aparecimento das “vozes” das personagens, formado pela mistura do “real” e do imaginário sem a pretensão de

se apresentar como “fiel”, “real” ou “verdadeira” nos romances de cavalaria ou nas narrativas modernas. Embora esses romances recorressem ao maravilhoso e o atribuisse um valor maior do que o “real”, empregavam um recurso literário que tinha por função fazer com que o leitor fosse induzido a pensar na veracidade da histórica narrada.

Deste estatuto de verdade e sua substituição por uma relação de verossimilhança marcam a passagem do modelo narrativo medieval para o chamado romance moderno, transformando as convenções de leitura e delegando ao leitor a função de legitimar não mais a verdade e, sim, a coerência da narrativa (TROUCHE, 2006, p.35).

A literatura se aproxima um pouco mais da história quando apresenta uma essência documental, o leitor encontra informações como: nomes de personalidades artísticas, políticas ou históricas, eventos, lugares, datas, entre outros que existem no universo referencial. Todos esses dados podem ser usados como pano de fundo de uma narrativa ficcional com traços históricos. Dentro de tal dinâmica: “dois elementos adquirem importância fundamental na construção destes modelos: o primeiro é a questão dos critérios para estabelecer a historicidade da matéria narrada; e o segundo e a questão da temporalidade.” (TROUCHE, 2006, p.37).

Segundo Jozef (2012), o discurso que o historiador realiza é o que faz tornar “verdadeiro” o que está escrito. Em princípio, o escritor ficcionista separa os acontecimentos para posteriormente representar suas perspectivas e depois esses relatos vão reproduzir uma imagem da realidade, ou seja, a literatura (re)cria a história. Neste sentido, fazer ficção, como fazer história é estabelecer uma relação espaço-temporal entre fatos empíricos e o efeito real.

É bem verdade que os fatos ou acontecimentos não falam sozinhos, porém vão adquirindo seus próprios significados e interpretações no decorrer do tempo. No universo da literatura hispano-americana, nos últimos séculos, buscam-se significados em suas narrativas nos antigos textos dos séculos que tangiam a colonização da América, ou seja, os textos históricos com intertexto. Essa construção da literatura parte de uma experiência histórica: “compartilhando a mesma perplexidade e o mesmo projeto de autoconhecimento, a começar do diálogo com a história” (TROUCHE, 2006).

As imagens da América Latina que se encontram presentes nos relatos históricos também podem servir, como várias outras fontes, de referência para a literatura. Neste sentido, História e Literatura são, respectivamente, tidas, uma como ciência que estuda os fatos e os acontecimentos na transitoriedade dos tempos e a outra tratada como elemento

artístico da arte de escrever. No entanto, a literatura muitas vezes mergulha na história e busca nela alguns elementos para sua construção ficcional, tecendo, assim, uma relação de proximidade entre estes dois discursos, pois é a “história que a constitui enquanto um gênero produzido pelo homem e incontornavelmente inserido na temporalidade; e é ainda na História que a Literatura extrai boa parte de seus materiais – seja das histórias dos historiadores ou da história vivida...” (BARROS, 2010).

Jozef (2012) considera que, para fazer a seleção e colocar em ordem um encorajamento de recriação, o historiador e o romancista presume o imaginário. O historiador pleiteia ser “verdadeiro”, porém ao copiar ou transcrever os documentos, ele os reproduz, modificando seu lugar e seu estado, já que “não se volta à História para interpretá-la ou reconstruí-la, mas para recuperá-la como acervo cultural. O fato histórico, em sua condição de signo móvel, integra-se no contexto cultural” (JOZEF, 2012).

Ainda segundo a mesma autora, história e ficção originam-se de um mesmo tronco, são os ramos de uma mesma árvore que se unem também ao mito. As duas são formas de linguagem, e os acontecimentos não falam por si, somente vão ser significativos depois de escolhidos e interpretados, portanto, “isto quer dizer que a palavra faz a história” (JOZEF, 2012).

A literatura como algo imortal é um produto que se origina do trabalho do próprio homem e sua capacidade de exprimir, persuadir ou comover por meio da arte de escrever. O autor é testemunha dos acontecimentos e relata suas experiências mediadas pela percepção que tem da história e de seus eventos. Alguns escritores optam por retratar literariamente os conflitos sociais; revelando na maioria dos casos conflitos traumáticos, gerados pela tensão entre classes sociais diferentes.

No caso da obra *“El Reverso de la Conquista”*, trata-se da expressão literária visibilizada pelo testemunho dos próprios povos originários, ou seja, reúne as experiências humanas do outro para relatar os eventos violentos acerca do choque entre os conflitos sociais, retratando a autenticidade brevemente contida na imortalidade de diversos textos e pinturas indígenas.

O livro *“Brevisima relación de la destrucción de las Indias”*, entraria nesta concepção de literatura com uma postura mais engajada do escritor no sentido de denunciar as injustiças sociais, também poderia ser considerado como um relato de testemunho, uma vez que narra a exploração e os abusos cometidos contra os povos indígenas na época da conquista.

Tanto a obra de León Portilla quanto a de Las Casas são textos que relativizam a história e vão além ao testemunhar uma época que história se traduz em literatura, preservando a memória indígena e denunciando as opressões e injustiças cometidas contra os povos originários.

A literatura, por envolver uma teia de signos ou indícios de significados de cultura ao qual somos herdeiros, “[não está] apenas no texto, como não está [somente] no autor, nem no leitor. Ela constitui-se numa dinâmica que a todos envolve e compromete, numa unidade de movimento intensamente dialética” (RIBEIRO, 2000).

A História do passado é o que faz [re]nascer um novo discurso, isso é o que nos leva a confrontar uma criação de séculos anteriores com a contemporaneidade, proporcionando assim um diálogo entre dois tempos distintos.

Para Jozef (2012), “o real do passado é o discurso que ele faz nascer” (2012) e a linguagem literária intervém no discurso histórico ao tomar para si os fatos da “realidade”, mas também acrescenta elementos ficcionais (enredo, personagens, narrador, tempo e espaço), no caso de romances e contos. Nesse sentido, ainda no entendimento da autora, não seria arriscado “dizer que ao tomar a História como engendrador de seu discurso, o narrador e o historiador permitem que sua visão artística se comprometa ou simplesmente ponha por escrito as visões já comprometidas de outros” (JOZEF, 2012).

A história como uma ciência que põe o passado em relação com o presente para dar suporte à literatura como uma maneira de fazer arte, uma linguagem científica e outra artística, podem nos ajudar a estabelecer reflexões a respeito do cotidiano de determinada sociedade e/ou comunidade, bem como apresentar ao leitor suas heranças culturais.

É por intermédio do exame reflexivo do conteúdo histórico que a literatura rompe com a tradição de narrar apenas os feitos dos vencedores ou até atribuir/criar um herói histórico; a história concebe um herói a exemplo de Colombo, de Tiradentes aqui no Brasil entre outros, do fato “heroico”, nasce um mártir para história. No entanto, podemos ressaltar que a linguagem artística pode relativizar dados referentes a fatos narrados pela história e, também, proporcionar ao leitor uma forma de ampliar sua visão a respeito do seu entorno e dos acontecimentos sociais.

O historiador tem um papel de recuperar as “imagens” de um passado que se pretende (re)construir e, com frequência, encontra diversas interpretações admissíveis para um mesmo

acontecimento, tendo de fazer uso de sua subjetividade para escolher uma das possibilidades entre várias.

O historiador percebe o passado como uma oportunidade de reconstruir suas imagens, que de certa maneira estavam “apagadas” ou “esquecidas”, com intuito de reavivá-lo entre nós. Nesse sentido, Jozef (2012) considera que o historiador “reanima e reconstrói o que não existe mais, por via indireta. O passado só torna-se presente na medida em que o sentimos vivo entre nós”.

Segundo Candido (2006), na medida em que a literatura se remonta à história, temos a impressão de que existem forças sociais inspirando o artista que a escreve. O escritor compõe sua obra de maneira individual, mas a sociedade a interpreta de forma coletiva, assim a interação entre ambos se confluí. Desse modo, a relação entre autor e o público leitor toma consistência no ato da leitura.

Na concepção de Candido (2006), a intensidade da literatura, por meio, por exemplo, de uma obra, depende de sua relativa atemporalidade e universalidade, e estas dependem da “função total” encarregada de oferecer um papel importante quando contribui para promover questionamentos, podendo gerar transformações na sociedade.

A literatura muitas vezes foi caracterizada como algo “perigoso” para os detentores do poder, pois pode permitir a um indivíduo fazer uma (re)avaliação dos acontecimentos tidos como “verdades absolutas” em cada tempo e espaço apresentados. Ela corresponde à forma ou maneira de representação literária do mundo, tornando possível o acesso a um universo (re)criado dialeticamente em algo que se empenha a levar o leitor a refletir sobre as realidades ocorridas no contexto da obra, mediante a visão, que se deriva da vivência de cada leitor.

3. Literatura e denúncia social

Neste capítulo, consideraremos a literatura como uma linguagem artística que pode contribuir para o combate à injustiça e, ao mesmo tempo, atuar como um elemento de contrapoder. Quem escreve, faz uso de elementos léxicos para expressar os seus argumentos, então é por meio da linguagem escrita que o autor registra os acontecimentos, [re] criando por meio da linguagem e atribuindo novos sentidos às palavras na “a criação de novas formas de vidas, de novas sociedades; em fim, melhorar a vida dos homens” (GARCÍA MÁRQUEZ; VARGAS LLOSA, 1957, p.8)⁸, considerando a literatura como um novo caminho para ampliação de um olhar mais consciente sobre a vida do homem na sociedade.

Utilizando os elementos léxicos para expressar o sofrimento e opressão do povo originário da América, Miguel León Portilla faz uma recompilação da voz desses mesmos povos através de documentos em língua *Náhuat* como uma propositura de mostrar a perspectiva ou visão do outro lado, o lado dos que foram vencidos, atribuindo uma projeção aos traumas da realidade advinda de uma colonização truculenta dos espanhóis.

Durante a conquista da América Latina, até o momento atual, os povos originários são vítimas constantes de injustiças:

Dentre os empobrecidos e oprimidos da América Latina (...), destacamos os povos indígenas, vítimas seculares dos interesses estrangeiros, pois sofrem com o abuso e a exploração desde o princípio da conquista até os dias de hoje e, ainda, com o descaso, preconceito e omissão por parte da sociedade e suas representações (BRAGA, 2012, p.32-3).

Neste cenário, a voz literária exerceu um papel muito importante ao registrar essas inúmeras injustiças. Desse modo, a literatura pode ser também uma forma de denunciar a opressão, bem como de preservar a memória das “minorias sociais”.

Las Casas encontrou nas letras um caminho para informar as autoridades espanholas sobre a exploração, a violência e as injustiças cometidas a golpe de espada pelos espanhóis em relação aos povos indígenas.

Do mesmo modo, León Portilla resgata a voz indígena e retrata fatos históricos na obra *El reverso de la conquista*, apresentando à contemporaneidade a história de vida dos

⁸ “la creación de nuevas formas de vidas, de nuevas sociedades; en fin, a mejorar la vida de los hombres (GARCÍA MÁRQUEZ; VARGAS LLOSA, 1957, p.8).

indígenas através de documentos e relatos dos descendentes (Maias, Astecas e Incas), bem como a preservação de uma memória, que aqui exerce um papel muito importante, preservada pelos índios que tem como tradição passar a sua história e sua cultura por meio da oralidade de geração a geração aos seus descendentes.

A minoria desses povos que sobreviveu aos atropelos europeus, trouxe em sua mente toda uma lembrança da história e de sua cultura para ser eternizada na literatura. Nesse sentido, a ficção proporcionou um caminho para as minorias sociais ao figurar como: “um elemento político de defesa da causa dos indígenas, buscando projetar uma visibilidade daqueles que não têm vez e nem voz, as vítimas das injustiças sociais, os marginalizados ou excluídos da sociedade” (BRAGA, 2012, p.34).

Da mesma forma, vários dos testemunhos indígenas recompilados por León Portilla apresentam todo um caráter de denúncia e, algumas vezes, até de lamento diante das mais variadas circunstâncias ocorridas durante a conquista. Alguns destes textos foram elaborados com o uso de uma linguagem profundamente poética.

Sus caras eran extrañas,
los señores los tomaron por dioses,
nosotros mismos, vuestro padre,
fuimos a verlos
cuando entraron a Yximché. (Relato dos Mayas, *Los Anales de los Cakchiqueles* In. PORTILLA, 2005, p.77).

Os escritos indígenas e a obra de Las Casas têm em comum a forma pela qual registraram as múltiplas perdas, a submissão e a opressão dos povos originários. Nessa perspectiva, podemos perceber o alcance dos textos literários no âmbito social, daí a importância de, na voz literária, a consciência do autor tomar uma: “paixão em fazê-la implica uma sanção social. (...) ser criador não implica somente uma relação de autenticidade com a experiência subjetiva, si não sendo um feito social” (LOSADA, 1976, p.29)⁹, pois a literatura também pode ser pensada como “um espaço de denúncia contra a injustiça social” (BRAGA, 2012, p.27).

Em Las Casas, a denúncia evidencia a realidade indígena, mostrando as reais condições do nativo que habitava a América, bem como as formas de imposição das crenças e costumes europeus, aos quais eram obrigados a aceitar como, por exemplo, a religião. Las Casas, defensor indígena, registra as tragédias do destino dos índios, descrevendo

⁹ “posición y, hacerlo, implica una sanción social. (...) ser creador no implica solamente una relación de autenticidad con la experiencia subjetiva, sino que es un hecho social.” (LOSADA, 1976, p.29).

minuciosamente os episódios de dizimação de uma população, de seus costumes e tradições. Já na obra de León Portilla não é propriamente dita uma forma de denúncia, mas é o testemunho traumático das formas de agressão e opressão aos quais os índios foram submetidos durante o período de colonização latino-americana.

Diante do exemplo de Las Casas, ressaltamos a importância da literatura como um elemento de contrapoder, como destaca Luna (1989):

O contexto de violência e injustiça em que se desenvolveu sempre a história latino-americana exigiu um posicionamento de seu artista e, mais especificamente, do escritor. Detentor de um poder – o da palavra – cedo percebeu que a neutralidade era impossível. (LUNA, 1989, p.25 *Apud* BRAGA, 2012, p.33).

A literatura, muitas vezes, busca suas referências nos acontecimentos narrados pela história. Porém, o texto ficcional possui grande liberdade, que lhe permite plenas condições de ir além do discurso histórico, ampliá-lo e, inclusive, de operar com um intenso revisionismo dos registros encontrados na ciência que estuda o passado da humanidade.

Nesse sentido, a literatura pode romper regras, ser subversiva, preencher as lacunas da história, relativizar o discurso do vencedor, durante muito tempo privilegiado por essa ciência, pois a literatura possui a capacidade de evidenciar “realidades que não estão ao alcance da percepção cotidiana precisamente por esta distraída, preocupada por uma ‘cura’ de cada dia”. (LOSADA, 1976, p.144),¹⁰ contribuindo, desse modo, para uma alteração na nossa percepção do mundo, ao mesmo tempo em que o texto ficcional pode proporcionar maneiras de ampliar a consciência humana sobre determinados fatos existentes, como enfatiza Losada (1976):

As formas literárias são, em primeiro lugar, objetivação e institucionalização de formas de consciência e de existência social. Não são somente criações artísticas ou linguísticas se não, sobre tudo, um modo de estabelecer, ao nível da consciência, relações entre os homens (LOSADA, 1976, p.173).¹¹

Segundo García Márquez, o escritor está sempre em conflito com a sociedade, porém ele escreve com o intuito de tentar solucionar esse conflito, porque isso decorre de uma ideologia que cada escritor segue, e a intenção de ser verdadeiramente sincero quando conta uma história: “se o escritor tem uma posição ideológica firme, se verá em sua história, quer

¹⁰ “realidades que no están al alcance de la percepción cotidiana precisamente por ésta distraída, preocupada por la ‘cura’ de cada día” (LOSADA, 1976, p.144).

¹¹ Las formas literarias son, en primer lugar, objetivación e institucionalización de formas de consciencia y de existencia social. No sólo son ‘creaciones’ artísticas o lingüísticas sino, sobre todo, un modo de establecer, al nivel de la consciencia, relaciones entre los hombres (LOSADA, 1976, p.173).

dizer que, vai alimentar sua história e é a partir desse momento que essa história pode ter [uma] força subversiva” (GARCÍA MÁRQUEZ; VARGAS LLOSA, 1957, p.9).¹²

O autor, quando se propõe a escrever uma história, parte de suas próprias vivências. Na opinião de Varga Llosa (1957), é justamente a partir dessas experiências do autor que surgem os subsídios para a (re)criação de dadas realidades.

Na visão de Candido (2006), o ambiente ou meio em que o autor está inserido adquire significado social na medida em que as pessoas retribuem as necessidades coletivas; e essas necessidades vão agir, permitindo por sua vez que os indivíduos possam conhecer-se, deparando e fazendo assim sentir indiretamente sua ação no grupo ou sociedade.

As relações dentro de determinada comunidade se orientam por estas particularidades que acompanham os fatos. Segundo Candido (2006), de início, há a necessidade de um ser individual que tome para si o próprio exercício de dar existência à obra; em seguida o autor pode ou não ser reconhecido como o que cria ou interpreta a sociedade pela obra; e por último e não menos importante, o autor usa a obra como meio para retratar os seus objetivos individuais, ou seja, adquirir significado social na medida em que os seres humanos retribuem as necessidades à coletividade, permitindo por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo em que estão inseridos.

A percepção de um autor, evidenciada em sua obra, pode ajudar a sociedade a ampliar o seu entendimento de determinados fatos e também a expandir a consciência crítica de seus leitores ao (re)construir uma dada realidade, explorando a esfera subjetiva. Nesse sentido, podemos entender a literatura como um ato subversivo porque destrói e (re)constrói, cria e (re)cria a partir de um universo referencial, que poderíamos conceituar como objetivo, através do campo subjetivo. No entanto, a partir de uma perspectiva social, a literatura é considerada subversiva “quando opta por contrapor-se aos valores estabelecidos e no momento em que oferece outras formas de se perceber o mundo e a sociedade” (BRAGA, 2012, p.35).

Bartolomé de las Casas encontrou nas letras um caminho político para se manifestar, por meio de sua obra *Brevíssima relación de la destuición de la Indias*, contra os maus tratos praticados e promovidos pelos conquistadores sobre a população indígena. Nesse sentido, podemos considerar que o autor produziu literatura como “um elemento político de defesa da causa indígena, buscando projetar uma visibilidade daqueles que não tem vez e nem voz, as

¹² “...si el escritor tiene una posición ideológica firme, (...) se verá en su historia, es decir, va a alimentar su historia y es a partir de este momento que esa historia puede tener [una] fuerza subversiva...” (GARCÍA MÁRQUEZ; VARGAS LLOSA, 1957, p.9).

vítimas das injustiças sociais, os marginalizados ou excluídos da sociedade” (BRAGA, 2012, p.34).

Em *El reverso de la conquista*, está presente a voz dos vencidos, exprimindo emoção colhida nos manuscritos e as palavras em que se traduz uma visão angustiada e trágica de grupos sociais portadores de uma rica cultura. A obra de Las Casas transmite sua visão da conquista, exprime uma representação de minorias sociais que eram vítimas de situações desumanas.

Para Candido (2006), “embora geralmente a função ideológica se torne mais clara nos casos de objetivos políticos, religiosos ou filosóficos” (p.56), a literatura, vinculada a subjetividade, também pode apresentar um viés político.

As letras, na obra de Las Casas, são uma forma política encontrada por esse autor para lutar contra as opressões, as limitações, os castigos e todos os tipos de tratamentos violentos que os conquistadores dispensavam aos indígenas.

Podemos pensar que a obra de León Portilla e também a de Las Casas podem ser consideradas como subversivas, inclusive no campo social, porque expõe uma realidade que os livros de história durante muito tempo omitiram, pois se referendaram quase que exclusivamente na perspectiva dos conquistadores, em crônicas produzidas pelos que protagonizaram a destruição de toda uma forma de vida indígena, suas concepções, cosmovisões, tradições.

O grito de protesto é evidente e perceptível nos livros de León Porilla e Las Casas. Os autores se solidarizam com os povos indígenas, grupo social que passa a figurar à margem da sociedade após o início da conquista, e manifestam indignação diante das perversidades e injustiças que ocorreram naquele período.

Assim, Las Casas recorre às letras e León Portilla aos testemunhos em voz indígena para tentarem dar visibilidade aos problemas indígenas que se multiplicaram após a chegada dos espanhóis e, ao mesmo tempo, nos proporcionaram um testemunho de uma época, uma relativização da história oficial e, ainda, a preservação da memória de determinados fatos relacionados à conquista da América.

4. A conquista da América na perspectiva dos povos originários e de Las Casas

Neste capítulo, apresentaremos e compararemos alguns temas comuns, relacionados à conquista da América, presentes em “El reverso de la conquista” (1992), obra do antropólogo mexicano Miguel León Portilla, e “Brevísima relación de la destrucción de las Indias” (2005), texto do frei dominicano Bartolomé de las Casas. Cabe ressaltar que, no livro de León Portilla, embora o autor faça uma recuperação de registros de séculos anteriores, foi produzido no séc. XX e o de Las Casas no XVI.

León Portilla, em “El reverso de la Conquista”, recompila parte da herança deixada pelos indígenas, seus pensamentos e sua literatura, e não somente os reúne, mas também comenta os testemunhos dos povos originários da América sobre a conquista espanhola neste continente. Essa recompilação de testemunhos indígenas é uma forma de preservar a memória desses povos e nos oferecer ampliação da nossa visão sobre fatos relacionados à conquista da América.

Las Casas, em “Brevísima relación de la destrucción de las Indias”, narra o drama vivido pelos indígenas durante os séculos XVI e XVII, bem como denuncia as atrocidades cometidas pelos espanhóis neste período em suas colonizações na América. Por sua ação de reivindicar justiça para os nativos do “Novo Mundo”, este frei passou a ser conhecido como o defensor dos povos indígenas e precursor dos direitos humanos.

Nestes textos, encontramos vários pontos de vista em comum em relação à conquista espanhola da América e suas consequências para os nativos. Ambos relatam os traumas vivenciados pelos povos originários. No entanto, para o estudo que nos propomos a fazer, optamos por observar e refletir acerca dos seguintes temas presentes nas referidas obras: a cobiça e a tirania dos espanhóis, o impacto dos cavalos, o poder de destruição dos cães, a “Noite triste”, a criatividade nas torturas, a imagem dos povos originários como ovelhas, os testemunhos dos traumas indígenas, a escravidão do índio e o apelo à justiça divina.

Dividimos os fragmentos das obras em estudo em quadros, os da esquerda correspondem a “El reverso de la conquista” (LEÓN PORTILLA, 1992), enquanto que os da direita se relacionam a “Brevísima relación de la destrucción de las Indias” (LAS CASA 2005).

a) Cobiça dos espanhóis

<p>1. <i>Guamán Poma escribe de [los españoles] que “de día y de noche, entre sueños, todos decían, ‘Indias, Indias, oro, plata, oro, plata,...’”. Y añade “aún hasta ahora dura igual deseo de oro y plata y se matan los españoles y desuellan a los pobres de los indios, y por el oro y plata quedan ya despoblados partes de este reino, los pueblos de los pobres indios, por oro y plata...”.</i> (LEÓN PORTILLA, 1992, p.130)</p> <p>2. [Los conquistadores] <i>luego comenzaron a tener diferencias del dicho descubrimientos de este mundo nuevo de las Indias de este reino y con la codicia de oro y plata en su corazón, traía “matarte he o matarme has” y unos y otros se mordían y los dichos soldados andaban espantados.</i> (<i>Crónica de la conquista de Guamán Poma.</i> In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.138)</p>	<p>3. <i>La causa por que han muerto y destruido tantas y tales y tan infinito número de ánimas los cristianos ha sido solamente por tener por su fin último el oro y henchirse de riquezas en muy breves días e subir a estados muy altos e sin proporción de sus personas; conviene a saber, por la insaciable codicia e ambición que han tenido, que ha sido mayor que en el mundo ser pudo, por ser aquellas tierras tan felices y tan ricas, y las gentes tan humildes, tan pacientes y tan fáciles a subjectarlas...</i> (LAS CASAS, 2005, p.78-79)</p> <p>4. <i>...los españoles que van a las Indias, que verdaderamente muchas e infinitas veces, por la codicia que tienen de oro, han vendido y venden hoy en este día y niegan y reniegan a Jesucristo.</i> (LAS CASAS, 2005, p.131)</p>
--	--

Os primeiros fragmentos que apresentamos do livro de León Portilla recuperam os escritos de outra personalidade importante do séc. XVI, do cronista e historiador peruano Felipe Guamán Poma de Ayala (1535-1617), descendente do povo inca, criado e educado por espanhóis que viviam no Peru, autor de uma importante obra: “Nueva crónica y buen gobierno”. Este autor, da mesma forma que Las Casas, denuncia as atrocidades e injustiças cometidas contra os povos originários.

O primeiro trecho retrata a ambição dos espanhóis que, através da hipérbole encontrada no início da citação, mostra que a todo o momento, mesmo sonhando ou desperto, têm o mesmo desígnio, apropriar-se das riquezas da América. O objetivo principal da viagem colonizadora era enriquecer os cofres do país, pois os mesmos já estavam quase esgotados e necessitavam de novas colônias para suprir tal necessidade, mas ao perceberem que neste novo mundo se encontravam indivíduos com ouro e prata como adornos, resolveram explorar ao invés de realizar seu objetivo de colonizar.

Uma das consequências dessa cobiça para os povos indígenas é a destruição de seus povoados, fato que aparece nos relatos de Guamán Poma recuperados por Portilla (1992) e em Las Casas (2005). Ressaltamos aqui um contraste que se conforma entre a pobreza do índio e o grande desejo dos espanhóis de se apossarem de riquezas. Percebemos que, mesmo possuindo metais preciosos, os indígenas tinham uma forma de vida simples, talvez por isso sejam vistos como “pobres” por Guamán Poma.

No segundo fragmento, Guamán Poma descreve o interesse desmedido pelo ouro e prata por parte dos conquistadores, que eram capazes, motivados pelo desejo de se apropriar cada vez mais de riquezas para si, inclusive, de matar uns aos outros.

Na terceira citação, Las Casas relata por meio de comparações a desproporcionalidade do valor atribuído pelos espanhóis ao ouro e à prata em relação à vida humana; visando tomar posse dessa riqueza, não importava o número de mortes que causavam. É interessante o contraste que o autor faz aqui entre a “insaciável cobiça e ambição” dos conquistadores e a humildade dos povos indígenas. O autor, com o uso da conjunção subordinada comparativa *que*, remete os leitores às outras conquistas e dominações que os espanhóis fizeram em continentes como o africano e o indiano, tratando como uma dominação fácil em relação às demais.

No quarto trecho, Las Casas, que é uma figura religiosa, um frei católico, faz uso da ironia para criticar a postura dos espanhóis, que conquistavam em nome de valores cristãos, mas tinham uma postura de anticristão¹³. Se recuperarmos a imagem bíblica de Cristo, podemos perceber que ele, em vários momentos, demonstrou claramente sua opção pelos pobres e também que era um homem humilde.

Um dos interesses dos espanhóis-cristãos era converter os novos colonos em fiéis para a igreja católica. Mas esses mesmos espanhóis que se consideravam cristão, foram bastante contraditórios em seguir o objetivo da colonização e explorar a colônia como forma de enriquecer, chegando a matar seus semelhantes.

Os fragmentos apresentados são de autores diferentes, mas seus conteúdos são semelhantes no que toca aos acontecimentos ocorridos durante o período que tange à conquista da América. Nós, como leitores, encontramos em ambos os escritores convergência em relação à descrição dos eventos apresentados.

Da mesma forma que Tzvetan Todorov em “A conquista da América” (1999), os livros de León Portilla e Las Casas nos oferecem visões do impacto que foi, inicialmente, o “contato” entre dois mundos, o “Velho” e o “Novo”.

¹³ “anticristão” - de Anticristo - Ser maligno que, según San Juan, aparecerá antes de la segunda venida de Cristo, para seducir a los cristianos y apartarlos de su fe. (DRAE) [ser maligno que, segundo São João, aparecerá antes da segunda vinda de Cristo, para seduzir os cristãos e separa-los de sua fé.]

b) Tirania dos espanhóis

1. *Y luego fueron los soldados españoles detrás de los indios y les dieron alcance y a todos los mataron sin que quedara ninguno. / Eran tantos los indios que mataron, que se hizo un río de sangre [...], toda el agua venía hecha de sangre y también el día se volvió colorado por la mucha sangre que hubo aquel día...(Títulos de la Casa Ixquin Nehaib, Señora del Territorio de Otoyó, testimonio Quiché a cerca de la conquista. In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.100).*

2. *Al momento todos acuchillan, alancean a la gente les dan tajos, con las espadas los hieren. A algunos les acometieron por detrás; inmediatamente cayeron por tierra dispersas sus entrañas. A otros les desgarraron la cabeza; les rebanaron la cabeza, enteramente hecha trizas quedó su cabeza [...]. Todas las entrañas cayeron por la tierra. Y había algunos que aún en vano corrían: iban arrastrando los intestinos y parecían enredarse los pies en ellos... (Informantes de Sahagún. In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.41).*

3. *Daremos por cuenta muy cierta y verdadera que son muertas en los dichos cuarenta años por las dichas tiranías e infernales obras de los cristianos, injusta y tiránicamente, más de doce cuentos de ánimas, hombres y mujeres y niños; y en verdad que creo, sin pensar engañarme, que son más de quince cuentos. (LAS CASAS, 2005, p.78).*

O primeiro fragmento pertence a um documento do povo Quiché, grupo indígena de raízes maias. Refere-se à violência dos conquistadores e faz alusão a uma matança de indígenas promovida pelos espanhóis, cujo resultado foi um “rio de sangue”. Interessante esta imagem utilizada como metáfora para retratar este massacre, pois um “rio” nos remete a água em abundância, sendo que aqui o líquido é outro: sangue. A imagem ganha intensidade, pois o sangue se propaga de tal modo que não somente o rio fica vermelho, senão todo um dia. Ainda nesta citação aparece um pleonasma referente à palavra “matança” que indica um reforço da ideia de cobiça por parte dos espanhóis, no qual não encontrava outros meios para “punir” os povoados resistentes à colonização.

O segundo faz parte dos testemunhos indígenas registrados pelo eclesiástico, escritor espanhol e também religioso frei Bernardino de Sahagún (1499-1590). Neste fragmento, vemos fortes imagens que descrevem uma cena de guerra, com vítimas que, ao serem atacadas, têm seus corpos dilacerados. Chama a atenção aqui as investidas feitas pelas costas, fato que indica a falta de oportunidade para qualquer tipo de resistência por parte dos que sofrem o ataque.

No terceiro, Las Casas se refere ao número de indígenas que perderam a vida em consequência da violência praticada pelos espanhóis em relação aos povos originários. O

autor utiliza o termo “cuento”¹⁴ para se referir a quantidade de mortes, que, conforme nota que segue, seria entre 12 e 15 milhões de índios de todas as idades. Nos chama a atenção, neste fragmento, a declaração de que estas mortes foram causadas pelas “dichas tiranías e infernales obras de los cristianos”; neste trecho encontramos dois paradoxos, ideias que aparentemente remetem a uma oposição entre si, “felicidade” e “tirania”, bem como “infernais” e “cristãos”. No primeiro, fica difícil entender a “tirania” como algo que se relaciona ou origina felicidade. No segundo, o mundo cristão remete ao espaço celeste, mais aqui está relacionado ao seu oposto, ao inferno.

Compreendemos que os fragmentos apresentados se aproximam na medida em que descrevem o processo de destruição dos povos originários e de sua forma de vida ancestral. Segundo Todorov (1999), de início, os espanhóis julgavam os índios como animais (*bestias*), e por essa razão queriam que entregassem suas riquezas que para eles não possuíam o mesmo sentido de riqueza, mas sim, símbolo de suas divindades ou de simples adornos.

Propagar a religião significa que os índios são considerados como iguais (diante de Deus). E se eles não quiserem entregar suas riquezas? Então será preciso subjugar-los, militar e politicamente, para poder tomá-las a força; em outras palavras, colocá-los, agora do ponto de vista humano, uma posição de desigualdade (de inferioridade) (TODOROV, 1999, p.53).

Com o desejo de explorar todas as fontes de riquezas encontradas na nova colônia, tais espanhóis não mediam esforços para adquirir bens e, para isso, propagar a religião entre os colonizados seria prudente igualando perante Deus espanhol e indígena, mas na hora do julgamento permanciam as desigualdades.

¹⁴ “Cuento”: 8. Matemática - Millón. (DRAE) [contar]

c) Impacto dos cavalos

<p>1. <i>Y se mataron entre ellos, de apretarse y pisarse y tropezarse los caballos, murieron mucha gente de indios, que no se pudo contar. (Crónica de la conquista de Guamán Poma. (In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.145).</i></p> <p>2. <i>...los mataron a todos [indios] con los caballos, con espadas, con arcabuces, como quien mata a ovejas, sin hacerles nadie resistencia, que no se escaparon, de más de diez mil, doscientos. (Relación del inca Titu Cusi Yupanqui. In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.162).</i></p>	<p>3. <i>[...] los cristianos con sus caballos y espadas e lanzas comienzan a hacer matanzas e crueldades... (LAS CASAS, 2005, p.81).</i></p> <p>4. <i>[...] van los cristianos a ellos con ciertos de caballo (que es la más perniciosa arma que puede ser para entre indios) y hacen tantos estragos y matanzas que asolaron y despoblaron la mitad de todo aquel reino. (LAS CASAS, 2005, p.86).</i></p>
--	---

O primeiro fragmento recupera as palavras de Guamán Poma. Nesta citação, vemos que o cavalo foi utilizado como uma arma de guerra e, dessa forma, contribuiu como mais um elemento de opressão e repressão aos povos indígenas. As mortes foram tantas, que sequer foi possível computá-las.

O segundo faz parte do relato de Titu Cusi Yupanqui, penúltimo imperador inca, elaborado para denunciar as injustiças cometidas contra os índios e o assassinato de seu pai, Manco Inca (Manco Cápac II). Neste fragmento, o cavalo é visto como uma arma, pertence ao mesmo campo semântico de uma espada ou de um arcabuz. Se no fragmento anterior não era possível se ter a quantidade exata de vítimas do cavalo, neste o número surpreende, “mais de dez mil” mortes.

Os dois fragmentos de Las Casas também apresentam o cavalo como uma arma. No primeiro, os equinos matam igualmente como o faz dois tipos de “armas”: a espada e a lança. No segundo, o cavalo ganha projeção, pois é apresentado, dentre todas as existentes, como a arma mais nociva para os indígenas, já que promovem muitos “estragos y matanzas”.

A partir das citações anteriores, podemos perceber o poder do cavalo que, além de ser um meio de transporte, era usado como um instrumento de apoio à conquista. É interessante notar que nos quatro fragmentos presentes aqui, embora sejam de três autores diferentes, aparecem expressões idênticas como: mataram, matanças, muitas mortes... Para Todorov (1999), era difícil calcular o número de vítimas causadas pelos cavalos, observação que justifica a dificuldade de precisar as mortes citadas no primeiro fragmento do quadro anterior.

d) Poder de destruição dos cães

<p>1. <i>Los grandes perros, sus cuellos sujetos a hierros. “Envuelve, para cargar, al perro, con tu ropa, eh tú hombre!”</i>, les ordenaban. (<i>Crónica de Calkini de los Canules de Campeche</i>. In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.87).</p> <p>2. <i>...llegaron las primeras noticias [...] acerca de la presencia de seres extraños llegados en barcas grandes [...], que tenían perros grandes e feroces...</i> (LEÓN PORTILLA, 1992, p.20).</p>	<p>3. [Los conquistadores] <i>enseñaron y amaestron lebreles, perros bravísimos que en viendo un indio lo hacían pedazos en un credo, y mejor arremetían a él y lo comían que si fuera un puerco. Estos perros hicieron grandes estragos y carnicerías.</i> (LAS CASAS, 2005 p.82).</p> <p>4. <i>...mataban a lanzadas y a cuchilladas, echábanlos a perros bravos que los despedazaban e comían [...]. Estuvieron en estas carnicerías tan inhumanas cerca de siete años...</i> (LAS CASAS, 2005, p.117-118).</p>
--	--

O primeiro fragmento pertence a uma obra coletiva escrita, a partir de 1579, por vários indígenas maias que viviam na região conhecida hoje como o estado de Campeche, no México. Este texto, também conhecido como “Crónica de Calkini”, é mais um documento que registra, na visão indígena, o contato que tiveram com os espanhóis e suas consequências. Enquanto que o segundo se trata de um comentário de León Portilla (1992).

Nas duas citações do primeiro quadro, o cão é visto como um animal “grande”. Sendo que na segunda, figura também como um ser “feroz”.

Na terceira nos é apresentado de forma mais hiperbólica: “perros bravísimos” que fizeram “grandes estragos y carnicerías”¹⁵. Enquanto que na quarta, a carne humana é utilizada como “ração”, alimento para os “perros bravos”.

Vale a pena destacar os sentidos que denotam a palavra “carnicería” em espanhol, desde um lugar onde se vende carne, um açougue, até um matadouro. Nesse sentido, compreendemos que, de forma parecida com o cavalo, o cão era visto, na época da conquista, como um animal ameaçador pelos indígenas, cuja crença era de que, segundo Todorov (1999), um cão equivalia a dez homens:

Alguns cristãos encontraram uma índia, que trazia nos braços uma criança que estava amamentando; e como o cão que os acompanhava tinha fome, arrancaram a criança dos braços da mãe e, viva, jogaram-na ao cão, que se pôs a despedaçá-la diante da mãe (TODOROV, 1999, p.167).

¹⁵ “Carnicería”: f. Tienda o lugar donde se vende al por menor la carne para el abasto público. || 2. Destrozo y mortandad de gente causados por la guerra u otra gran catástrofe. || 3. Herida, lesión, etc., con efusión de sangre. || 4. Ecuad. matadero (|| sitio donde se mata y desuella el ganado). (DRAE) [açougue: loja ou lugar onde se vende carne em mercado público. 2. Destrozo e mortandade de gente causados pela guerra ou outra grande catástrofe. 3. Feridas, lesão, etc., com efusão de sangue. 4. Ecuad. Matadouro (lugar onde se mata e desossa o gado)].

Percebe-se na citação de Todorov a maneira a qual os espanhóis conduziam o mecanismo da conquista tendo o cão como aliado e adestrado para matar até mesmo as crianças. Esses animais ferozes eram treinados de maneira que permanecia muito tempo sem se alimentar para, posteriormente, serem utilizados também como arma mortífera, assim nem mesmo as crianças de colo escapavam do poder de destruição dos cães.

e) “Noite triste”

<p>1. <i>Cuando Hernán Cortés regresa [...] tiene que hacer frente a la justa indignación de los aztecas. Decide entonces escapar de la ciudad. En su huida pierde más de la mitad de sus hombres, así como todos los tesoros de que se había apoderado. Esta derrota sufrida por los conquistadores al huir de la ciudad por el rumbo del poniente, por la calzada de Tacuba, se conoce con el nombre de “la noche triste” del 30 de junio de 1520. (LEÓN PORTILLA, 1992, p.13-14).</i></p>	<p>2. <i>[...] los indios mataron gran cantidad de cristianos en las puentes de la laguna, con justísima y sancta guerra, por las causas justísimas que tuvieron, como dicho es. Las cuales, cualquiera que fuere hombre razonable y justo, las justificara. (LAS CASAS, 2005, p.111).</i></p>
---	---

<p>3. <i>En este desbarato mataron los contrarios treinta y cinco o cuarenta españoles y más de mill indios nuestros amigos, e hirieron más de veinte cristianos y yo salí herido en una pierna. Perdióse el tiro pequeño de campo que habíamos llevado y muchas ballestas y escopetas y armas. Los de la cibdad, luego que hobieron la vitoria, por hacer desmayar al alguacil mayor y Pedro de Alvarado, todos los españoles vivos y muertos que tomaron los llevaron al Tatabulco, que es el mercado, y en unas torres altas que allí estaban desnudos los sacrificaron y abrieron por los pechos y les sacaron los corazones para ofrecer a los ídolos, lo cual los españoles del real de Pedro de Alvarado pudieron ver bien de donde peleaban, y en los cuerpos desnudos y blancos que vieron sacrificar conocieron que eran cristianos. Y aunque por ello hobieron grand tristeza y desmayo, se retrajeron a su real, habiendo peleando aquel día muy bien y ganado casi hasta el dicho mercado, el cual aquel día se acabara de ganar si Dios, por nuestros pecados, no permitiera tan gran desmán. [...] Y como todos salimos tan desbaratados y heridos y sin armas, había nescesidad de descansar y rehacemos. (Tercera Relación¹⁶ de Hernán Cortés).</i></p>
--

Embora não tenhamos como foco, neste trabalho, a voz dos conquistadores, acreditamos que nesse momento seja importante levar em conta a perspectiva de Cortés em relação ao referido episódio, pois a “Noite triste”, uma expressão criada pelos espanhóis para nomear a mais expressiva derrota que eles sofreram na conquista do México.

¹⁶ <http://www.bibliotecasvirtuales.com/biblioteca/literaturadelaconquista/HernanCortes/TerceraRelacion.asp>

As mortes cometidas pelos astecas foi uma retaliação a um massacre realizado, anteriormente, pelos conquistadores em um dia festivo daquela região, que durante uma comemoração em homenagem a uma importante divindade daquele povo, os espanhóis atacaram e mataram muitos índios com golpes de espada.

Os índios revidaram. Em um contra ataque, os espanhóis também foram pegos de surpresa e vários morreram, sendo nomeado assim pelos espanhóis como a “noite triste”.

Como demonstra León Portilla no primeiro fragmento, diante da reação dos astecas, os espanhóis fogem, mas mesmo assim perdem muitos homens e grande parte das riquezas que haviam acumulado.

No segundo fragmento, Las Casas, mesmo sendo um espanhol, não partilha do sofrimento de seus conterrâneos pelas perdas sofridas, senão trata o episódio como uma “justísima y sancta guerra” e defende que eram “causas justísimas” e, sendo assim, qualquer homem “razonable y justo, las justificara”. Nos chama a atenção o duplo uso do vocábulo “justíssima(s)” por Las Casas nesta citação e também do verbo “justificar”, pois evidencia seu total apoio e solidariedade aos indígenas e também que ele era no mínimo uma pessoa “razonable” e “justa”.

O fragmento três é um contraponto à descrição apresentada por León Portilla e Las Casas, pois nele aparece a voz do conquistador sobre este episódio, a versão de Hernán Cortés que revela por meio do uso de hipérbole e da comparação que a perda de seus homens não se compara a dos indígenas. Caracteriza seus companheiros como heróis, pois, antes já haviam matado muitos índios em nome da conquista para o país. Cortés, em sua justificativa, no intuito de mascarar sua vingança contra os povos originários, afirma no final do fragmento: “*teníamos de descansar y rehacemos*”, o fato de seus cristãos serem mortos em um ritual de sacrifício a um deus pagão.

[...] as coisas se complicaram na Cidade do México: Alvarado massacró um grupo de mexicanos durante uma festa religiosa, e a guerra começou. Cortés retorna à capital e se une a suas tropas na fortaleza sitiada; Montezuma morre nesse momento. Os ataques dos astecas são tão insistentes que ele decide deixar a cidade à noite; sua partida é descoberta, e na batalha que se segue metade de seu exército é aniquilada: é a noite triste (TODOROV, 1999, p.65).

Na citação, se pode perceber que há uma grande perda por parte do exército espanhol na batalha contra os indígenas. Com a perda espanhola, Cortés sai em retirada para

recuperação de suas forças. Episódio que ficou marcado por “la noche triste” dos conquistadores.

f) Criatividade nas torturas

<p>1. [...] mató a los [...] incas y a todos los señores grandes y capitanes generales y a los principales de cada provincia de este reino con varios tormentos, pidiendo oro y plata. Y traía presos y lo castigaba muy cruelmente preso con cadena de hierro y de cuero de vaca torcido y cuellos de la misma vaca. Dicen que usaba grillos de vaca y esposas del mismo cuero para tener presos a los dichos indios de este reino. (Crónica de la conquista de Guamán Poma. In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.152).</p>	<p>2. Este gobernador y su gente inventó nuevas maneras de crueldades y de dar tormentos a los indios, porque descubriesen y les diesen oro. Capitán hubo [de un gobernador] que en una entrada que hizo por mandado dél para robar y extirpar gentes, mató sobre cuarenta mil ánimas, que vido por sus ojos un religioso de Sant Francisco, que con él iba [...] metiéndolos a espada, quemándolos vivos, y echándolos a perros bravos, y atormentándolos con diversos tormentos. (LAS CASAS, 2005, p.96).</p>
---	--

A citação do primeiro quadro apresenta considerações de Guamán Poma sobre as torturas empregadas nos indígenas. Observamos aqui que, com a finalidade dos conquistadores conseguirem mais ouro e prata, eram aplicados castigos físicos e psicológicos, como acorrentar e algemar um indivíduo, eram praticados em importantes personalidades indígenas, “señores grandes”, “capitanes generales”, “principales de cada provincia”, e antecediam a morte dos torturados.

No mesmo sentido, Las Casas apresenta a tortura sofrida pelos indígenas como uma forma dos conquistadores terem acesso ao ouro. O que chama a atenção é preocupação dos torturadores em criar “nuevas maneras de crueldades y de dar tormentos a los indios”. Os números aqui também surpreendem, já que um determinado capitão, a serviço de um governador, matou mais de “cuarenta mil” pessoas, queimando-as vivas e servindo de refeição para os cães. Para Todorov:

Enquanto o contramestre ficava na cabana ou choça com a índia, mandava o marido extrair ouro nas minas; e à noite, quando o infeliz voltava, não somente cobria-o de golpes ou chicoteava-o por não ter trazido quantidade suficiente de ouro, como também, muito frequentemente, amarrava seus pés e mãos e jogava-o para baixo da cama como um cão, antes de deitar-se, bem acima, com sua mulher. (TODOROV, 1999, p.167).

No fragmento anterior, Todorov descreve um dos modos de torturas utilizado pelos espanhóis, procedimento muito comum no período da conquista da América, por conta da

cobiça das terras ameríndias e de ouro e prata que na maioria das vezes não era suficiente para saciar a ambição dos conquistadores.

g) Imagem dos povos originários como ovelhas

<p>1. Desde que aquella plaza estuvo cercada [por los españoles] y los indios todos dentro, como ovejas, los cuales eran muchos y no se podían rodear a ninguna parte, ni tampoco tenían armas, porque no las habían traído... (Crónica de la conquista de Guamán Poma. In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.161).</p>	<p>2. ...porque siempre fue ésta su determinación en todas las tierras que los españoles han entrado, conviene a saber, hacer una cruel y señalada matanza, porque tiemblen dellos aquellas ovejas mansas. (LAS CASAS, 2005, p.107).</p>
---	---

O primeiro fragmento é de Guamán Poma e retrata um cerco que os indígenas sofreram dos conquistadores. Igualmente a animais, neste caso a ovelhas, eles estavam rodeados, mas não de uma cerca, senão por soldados e não podiam sequer reagir, porque estavam sem suas armas.

Já no segundo, a metáfora ovelha é utilizada de uma forma um pouco diferente: aponta um contraste entre a crueldade dos espanhóis: “han entrado (...) hacer una cruel y señalada matanza” e a bondade indígena: “tiemblen dellos aquellas ovejas mansas”.

Em várias partes de “La brevíssima...”, Las Casas compara os indígenas a uma ovelha ou cordeiro, como no trecho: “hallaron aquellas gentes mansísimas ovejas, como y mucho más que los otros las suelen hallar en todas las partes de las Indias” (LAS CASAS, 2005, p.147). Este fato ganha relevância se pensarmos no sentido bíblico deste animal e termos em conta que este escritor é uma figura religiosa.

Las Casas encontra na ovelha a metáfora que representa a mansidão do povo indígena e usa a imagem de “tigres”, “lobos” e “leões” para retratar os conquistadores: “ninguno de los otros tiranos que hemos dicho, e más irracional e furiosamente que crudelísimos tigres y que rabiosos lobos y leones...” (LAS CASAS, 2005, p.147).

Nesse sentido, podemos retornar ao primeiro fragmento do quadro anterior e pensar que, se os indígenas estão cercados como ovelhas, os tigres, lobos e leões seriam, metaforicamente, os conquistadores que os cercam.

Colombo declarou que os índios eram dóceis e “as melhores gentes do mundo e as mais pacíficas” (COLOMBO *apud* TODOROV, 1999, p.44). Sem dúvida, “bom” e “manso” são formas que alguns espanhóis utilizam para qualificar os indígenas. De alguma maneira, esta caracterização contribuirá significativamente para a criação e propagação do conceito de

“bom selvagem”, que circulará pela Europa um pouco depois do início da conquista espanhola na América.

h) Testemunhos dos traumas indígenas

<p>1. [En “El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno”, Guamán Poma] <i>ofrece su propia visión indígena, basada, tanto en los testimonios de su padre y de otros ancianos que eran ya adultos al tiempo de la venida de los españoles, como en lo que él mismo pudo conocer y presenciar, ya que no debe olvidarse que probablemente había nacido hacia 1526...</i> (LEÓN PORTILLA, 1992, p.122).</p>	<p>2. [...] <i>yo afirmo que yo mismo vi ante mis ojos a los españoles cortar manos, narices y orejas a indios e indias, sin propósito, sino porque se les antojaba hacerlo, y en tantos lugares y partes que sería largo de contar. Y yo vi que los españoles les echaban perros a los indios para que los hiciesen pedazos, y los vi así aperrear a muy muchos</i> (LAS CASAS, 2005, p.162).</p>
---	---

No primeiro fragmento, León Portilla ressalta o valor da obra de Guamán Poma como um testemunho baseado nos registros que este tomou de seu pai e de outros idosos que, quando eram mais jovens, presenciaram a chegada dos primeiros conquistadores à América.

No segundo, Las Casas afirma que foi testemunha ocular de atrocidades cometidas pelos espanhóis contra os índios. Sua declaração está marcada pela presença do verbo ver que aparece três vezes nessa citação: “Y yo vi que los españoles les echaban perros a los indios”, “los vi así aperrear a muy muchos”, “yo mismo vi ante mis ojos”. No último exemplo, Las Casas chega a ser redundante, pois além do verbo ver também utiliza a expressão diante de meus olhos. No entanto, esta redundância reforça, aqui, o sentido testemunhal que sua obra pretende apresentar.

Os espanhóis queimaram os livros dos mexicanos para apagar a religião deles; destruirão os monumentos, para fazer desaparecer qualquer lembrança de uma grandeza antiga. Mas cem anos antes, durante o reinado de Itzcoatl, os próprios astecas tinham destruído todos os livros antigos, para poderem escrever a história a seu modo (TODOROV, 1999, p.71).

[...] e que narra um acontecimento do qual foi mais do que testemunha: foi participante; é o massacre de *Caonao*, em Cuba, perpetrado pela tropa de Narvaez, de que era capitão (LAS CASAS *apud* TODOROV, 1999, p.167).

Esses dois fragmentos descrevem como ocorreu o processo testemunhal dos acontecimentos relacionados à história da conquista da América. No primeiro, Todorov ressalta que os próprios nativos são as personagens principais de suas recordações, pois guardam na memória uma história na qual os mesmos podem posteriormente escrevê-las,

comungando assim com o autor León Portilla que faz resaltar em sua obra as da visões indígena. No segundo, é considerado como testemunho a figura de Las Casas, que constantemente presenciava os massacres praticados pelos exércitos espanhóis em várias províncias do continente americano.

i) Escravidão do índio

<p>1. <i>¡Que porque eran niños pequeños los muchachos de los pueblos, y mientras, se les martirizaba! ¡Infelices los pobrecitos! Los pobrecitos no protestaban contra el que a su sabor los esclavizaba, el Anticristo sobre la tierra, tigre de los pueblos, gato montés de los pueblos, chupador del pobre indio. (Chilam Balam de Chumayel In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.86).</i></p>	<p>2. <i>[...]muchos tiranos crudelísimos que con matanzas y crueldades espantosas, y con hacer esclavos y vendellos a los navíos que les traían vino y vestidos y otras cosas, y con la tiránica servidumbre ordinaria... (LAS CASAS, 2005, p.114).</i></p>
---	---

O primeiro fragmento faz parte de um manuscrito indígena produzido por povos originários de Yucatán, México, no séc. XVI, que tem como título “Chilam Balam de Chumayel”. Trata-se de um dos livros sagrados dos povos maias. Esta citação descreve os tormentos que as crianças padeciam, chegando a serem escravizadas. E, da mesma forma que vimos anteriormente em Las Casas, a figura do “tigre” também é utilizada aqui para representar o conquistador. Destacamos outra presença do termo Anticristo, que, conforme o próprio prefixo da palavra indica, trata-se de algo contrário à filosofia e ensinamentos cristãos. Fato que demonstra um paradoxo, pois os conquistadores são cristãos, mas atuam de forma diferente do que Cristo pregava, convertendo-se assim em anticristãos.

O segundo nos remete à escravidão dos indígenas adultos. Las Casas utiliza aqui expressões como “tiranos crudelísimos” e “matanzas y crueldades espantosas”, reforçando o caráter hiperbólico das ações dos conquistadores no trato com os povos indígenas. De acordo com Moisés (2004), a hipérbole é uma figura de linguagem que consiste em dar ênfase, resultando em um exagero deliberado, quer no sentido negativo, quer no positivo, ou seja, isto engrandece o objeto, como na expressão: *crudelísimo*,

O escravismo, neste sentido da palavra, reduz o outro ao nível de objeto, o que se manifesta particularmente em todos os comportamentos onde os índios são tratados como menos do que homens, [...] o preço de uma escrava aumenta se estiver grávida, exatamente como acontece com as vacas (TODOROV, 1999, p.212).

No fragmento extraído de Todorov, o indígena é tratado como um objeto que o reduz a um simples animal podendo servir de alimento para os cães, e também assim subjugando-os a qualquer tipo de trabalho. Como são considerados “coisas” até mesmo as índias grávidas eram vendidas de modo que se carregassem um filho no seu ventre obtinha um preço maior, como mercadorias.

j) Apelo à justiça divina

1 ...llegará el día en que lleguen hasta Dios las lágrimas de sus ojos y baje la justicia de Dios de un golpe sobre el mundo. (Chilam Balam de Chumayel In. LEÓN PORTILLA, 1992, p.86).	2. ...los infelices cristianos de cuyo consorcio se favoreció en tan grandes insultos, gravísimos pecados y abominaciones tan execrable! Y plega a Dios que dél haya habido misericordia y se contente con tan mala fin como al cabo le dio (LAS CASAS, 2005, p.120).
--	--

O primeiro fragmento pertence à obra “Chilam Balam de Chumayel” e demonstra o desejo dos povos indígenas pela justiça divina. Um interessante jogo de linguagem se forma aqui entre “subir” e “descer” as lágrimas, representativas da dor e do sofrimento dos povos originários que chegarão a Deus, que está no céu, portanto tomará um rumo totalmente diferente do normal, pois ao invés de descer/cair, subirá; e, em contrapartida, a justiça de Deus descerá até a terra para socorrer aqueles que sofrem injustiças cometidas pelos cristãos, os que deveriam ser os primeiros a eliminar qualquer possibilidade de serem injustos, já que a religião cristã prima pelo amor e respeito ao próximo, e quem é injusto, rompe com este princípio.

Nessa mesma direção, segue o apelo de Las Casas a Deus. O frei nomeia os cristãos de infelizes e os acusa de terem cometido “tan grandes insultos, gravísimos pecados y abominaciones tan execrable”, expressões marcadas pelo uso de “tão” e de “gravísimos”, um superlativo absoluto sintético, evidenciando uma vez mais o uso da hipérbole. Las Casas também conta, que sua conversão à causa dos índios foi desencadeada pela leitura destas palavras: O pão dos pobres é a sua vida: quem privá-los dele é um assassino (TODOROV, 1999, p. 160).

Percebemos, neste fragmento citado por Todorov, o sentido da vida expresso nas escrituras da *Bíblia* que é tida como um alimento para os que não possuem fortuna, assim aquele que as furta é considerado como assassino; para tanto desse modo as mortes são por interesse no ouro e na prata das terras indígenas.

Concluimos aqui o paradigma em identificar os comportamentos convergentes dos tópicos apresentados, a relação entre os fragmentos supracitados e as afirmações propagadas pelos que saíram vencidos, na qual impuseram sua própria visão sobre a exploração e destruição das colônias por eles monopolizadas; ilustrando através das imagens da cobiça que revela a verdadeira intenção dos colonizadores após perceberem a grande quantidade de ouro prata e outras riquezas que aqui existiam e que muitas vezes as que já foram exploradas não se tornava suficiente para a ambição dos estrangeiros.

Os testemunhos resgatados por León Portilla, nos quais os próprios indígenas revelam o sofrimento durante o período colonizador, convergem com descrição e testemunho de Las Casas que advoga, através de seu texto, em favor dos índios.

Em todos os fragmentos percebemos uma semelhança nas análises apresentadas nos pontos de vista no qual os dois autores convergem. León Portilla apresenta por meio da voz indígena o genocídio desmedido e Las Casas relata os atropelos, assassinatos, desmandos, etc. e transforma sua narrativa num elemento de defesa dos índios que são vítimas, durante o período da conquista, de um dos maiores genocídios da história da humanidade.

Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos - no primeiro capítulo - características do âmbito político, econômico e religioso da Espanha do século XV e contemplamos a América Latina a partir dos últimos anos do século XV e séculos XVI e XVII.

Em 1492, os reis católicos Fernando e Isabel patrocinaram a viagem de exploração de novas rotas marítimas, liderada pelo genovês Cristovam Colombo, simultaneamente ao momento em que esta monarquia conseguiu dar fim ao movimento secular de massacre e expulsão dos mulçumanos, episódio histórico conhecido por reconquista da Espanha, que objetivava tanto a expansão territorial da nação quanto à propagação do catolicismo.

A partir da chegada de Colombo às “Índias” os mesmos mecanismos empregados na reconquista espanhola foram utilizados na conquista americana. Os objetivos dos dois episódios históricos eram idênticos, extensão territorial e propagação da fé cristã. No entanto, no nosso caso, a busca por riquezas se tornou o principal foco dos conquistadores. Dessa forma, os espanhóis impuseram outras formas de vida aos povos originários e se apropriaram de terras e riquezas indígenas e também, aproveitaram-se inicialmente da ingenuidade dos indígenas – estes pensavam que os conquistadores eram enviados por seu Deus (Quetzalcóatl) – e depois da força bruta para se apropriarem de objetos de ouro e prata.

O catolicismo teve um papel fundamental durante a conquista e exploração do “Novo Mundo”, pois a união do estado e igreja era intensa desde a reconquista espanhola. Assim, uma vez mais se consolidou a junção da “espada” – que significava o poder da Espanha – e a “cruz” – símbolo da Igreja Católica.

Devido à queda no número de católicos em algumas partes da Europa, por conta do surgimento e crescimento do protestantismo, a conquista de outros fiéis era importante para a Igreja. Dessa forma, com a posse, por parte da Espanha, de novos territórios, promoveu-se a catequização de muitos indígenas. E, assim, mais uma vez religião e monarquia espanhola estiveram unidas, ambas conseguiram seus objetivos iniciais e ainda lucraram com as riquezas extraídas da Américas e levadas para a Europa.

Algumas particularidades que marcaram a conquista da América são a superioridade bélica dos espanhóis em relação aos indígenas; o emprego de técnicas utilizadas pelos conquistadores durante a reconquista espanhola; as doenças trazidas da Europa e disseminadas rapidamente entre os povos originários, como a epidemia de peste que causaram

milhares de mortes dos índios, a ambição dos espanhóis que avançaram, invadiram, roubaram para simplesmente satisfazer sua cobiça.

No tocante a aproximação entre História e Literatura, notamos que esta relação existe, na América, desde o início da conquista, desde as primeiras crônicas que relatavam o meio físico da região, seu povo, as façanhas dos conquistadores.

Os conquistadores utilizaram vários recursos literários para relatar suas experiências. No caso de Colombo, para prestar contas aos reis da Espanha, ele narrou os fatos da conquista inspirado nos feitos heroicos relativos à literatura medieval, como o romance de cavalaria. Portanto, seus textos possuem aspectos literários e históricos.

Com o apoio de Trouche (2006), vimos que literatura e história construíram um interessante diálogo na América Hispânica. Essas duas formas de escrita se baseiam em representação de fatos por meio do discurso. Atualmente, a história passa por mudanças impulsionadas por um desejo de rever eventos que antes não foram tidos como relevantes, bem como buscar outras vozes, outras fontes de dados, promovendo, desse modo, uma autorrevisão. É interessante notar que a própria literatura passa a figurar como uma das formas, entre outras, de aproximação e informação sobre alguma época ou determinado episódio.

As narrativas ficcionais possuem mais liberdade do que o discurso histórico, porque a literatura “recria” o universo histórico, bem como transgride o próprio discurso histórico, além de ampliar ou mesmo revelar fatos omitidos pela história.

No que diz respeito à América Latina, a ficção (re)significa vários acontecimentos históricos desde a época da conquista até tempos recentes. Hoje em dia, existe uma revitalização do romance histórico, que de alguma maneira, apresenta também uma forte relação entre literatura e história.

Essa relação também está presente em *El Reverso de la conquista* e em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* que descrevem os traumas vividos pelos indígenas na época da conquista da América.

Na obra de Miguel León Portilla, encontramos o testemunho dos povos originários, são descritos os confrontos entre os espanhóis e os índios, o sofrimento de um povo que desde a chegada dos europeus foram marginalizados, vitimados pela violência, e passaram a viver a margem da sociedade.

O texto de Bartolomé de las Casas também pode ser visto uma defesa dos indígenas, mas como um testemunho do próprio frei que denunciou, em seus escritos, as explorações e os abusos cometidos pelos conquistadores em relação aos índios.

Em se tratando de história e literatura, os dois livros apresentam um caráter histórico e literário. O primeiro diz respeito aos fatos narrados sobre episódios que aconteceram em um determinado período e o segundo a linguagem empregada nos textos e, no caso dos escritos indígenas, recuperados por León Portilla, até a forma de alguns cantares que se aproxima da literatura e apresentam um formato de poema, embora tratem de um fato histórico.

A partir do conteúdo histórico a literatura rompe com tradições pré-estabelecidas que até então narravam os feitos heroicos. No entanto, a literatura emprega a linguagem artística para relatar os fatos da história proporcionando ao leitor uma ampliação de conhecimento a respeito desses acontecimentos.

Ressaltamos ainda a importância da literatura como elemento de denúncia, de projeção de injustiças e de eventos que não foram privilegiados pela história. Nas duas obras estudadas, encontramos a recriação, através das palavras, do sentimento de um povo esquecido pela sociedade.

Nas obras mencionadas, os registros testemunhais, tanto da voz indígena recompiladas por León Portilla como de Las Casas, nos apresentam a memória dos povos originários e nos proporcionam outros olhares da conquista. Os primeiros nos oferecem a voz dos próprios vencidos que foi recuperada e publicada em um livro no século XX e os segundos, que tinham o objetivo de informar as autoridades espanholas daquela época sobre as injustiças cometidas pelos espanhóis na América, nos proporciona outra visão dos fatos ocorridos no período da conquista.

O presente trabalho visou comparar *El Reverso de la conquista* e *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. O primeiro livro apresenta uma visão hispano-americana – dos indígenas e do próprio León Portilla e o segundo uma perspectiva europeia – de Las Casas. Embora sejam obras produzidas por pessoas pertencentes às duas margens opostas do oceano atlântico, existe uma interessante convergência em relação a vários temas descritos e a forma como foram apresentados. O que nos leva a confirmar nossa hipótese para esta pesquisa. Por meio do estudo comparativo que fizemos destes textos, pudemos comprovar que alguns episódios relativos à conquista da América são registrados de forma bastante similar nessas obras.

Referências

ANES, Gonzalo. **La obra de Miguel León Portilla**. (2001). Disponível em: http://www.abc.es/hemeroteca/historico-27-07-2001/abc/Opinion/la-obra-de-miguel-leon-portilla_36962.html. Acesso em: 24/05/2013, 15:12:34.

ARMANDO, Efrén. **Reseña de *Visión de los vencidos***. (2009). Disponível em: <http://anotacioneseffren.blogspot.com.br/2009/10/vision-de-los-vencidos.html>. Acesso em: 24/05/2013, 24/05/2013, 15:19:25.

BARROS, José D'Assunção. História e Literatura – novas relações para os novos tempos, contemporâneos. In. **Revista de Artes e Humanidades**, nº 06, Mai-Out, 2010. Disponível em: http://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf. Acesso em: 20/02/2013, 17:27:47.

BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina 1**. América Latina colonial: La América precolombina y la conquista. Barcelona: Crítica, 1990.

_____. **Historia de América Latina 2**. América Latina colonial: Europa y América en los siglos XVI, XVII, XVIII. Barcelona: Crítica, 1990.

_____. **Historia de América Latina 3**. América Latina colonial: Economía. Barcelona: Crítica, 1990.

_____. **Historia de América Latina 4**. América Latina colonial: Población, sociedad y cultura. Barcelona: Crítica, 1990.

BRAGA, Elda Firmo. **Literatura e Ecologia: A pentalogia *La guerra silenciosa*** de Manuel Scorza, São Paulo: Pedro & João, 2012.

_____. Literatura, poder e contrapoder. In. **Dossier O intelectual latino-americano ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Revista Hispanista, 2012. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/397>. Acesso em: 11/11/2012, 20:05:39.

CABREJOS FERNÁNDEZ, Martín. **La visión del conquistado en el antiguo Perú**. (2012) Disponível em: <http://historiacienciadevida.blogspot.com.br/2012/09/la-vision-del-conquistado-en-el-antiguo.html>. Acesso em: 24/05/2013, 15:27:29.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CORTÉS, Hernán. **Tercera relación**. (s/d). Disponível em: <http://www.bibliotecasvirtuales.com/biblioteca/literaturadelaconquista/HernanCortes/TerceraRelacion.asp>. Acesso em: 11/07/2013, 23:13:58.

DEL PUERTO, Carmen. **Culturas americanas: Reseña de *La visión de los Vencidos***. (2012). Disponível em: <http://elbazardelaretorica.blogspot.com.br/2012/07/culuras-americanas-la-vision-de-los.html>. Acesso em: 24/05/2013, 15:56:01.

DURÁN ESTRAGÓ, Margarita. **Causas y efectos de la conquista de América**. Asunción: Portal Guaraní. (2012). Disponível em: http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalle.php?id_obras=18441. Acesso em: 24/05/2013, 16:10:38.

FISCER, G. **La verdadera cara del 12 de octubre**. (2006). Disponível em: <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=39223>. Acesso em: 24/05/2013,16:28:30.

FONTES, Joaquim Brasil. O autor. In. **O livro dos simulacros**. Florianópolis: Clavicórdio, 2000.

GAITÁN MORALES, Samuel B. **Sobre el libro *Visión de los vencidos* de Miguel León Portilla**. (2010). Disponível em: <http://andaryego.blogspot.com.br/2010/01/vacaciones-para-volver-los-origenes-i.html>. Acesso em: 24/05/2013, 16:30:55.

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. (s/d). Disponível em: http://www.elortiba.org/lasvenas1.html#las_venas_abiertas_de_america_latina_g. Acesso em: 16/10/2012, 19:28:38.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel; VARGAS LLOSA, Mario. **La novela en América Latina: Diálogos**. s/d (Perú), Universidad Nacional de Ingeniería, 1968.

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. **Comentarios Reales I**. Prólogo, edição e cronologia de Aurelio Miró Quesada. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1991.

_____. **Comentarios Reales II**. Prólogo, edição e cronologia de Aurelio Miró Quesada. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1991.

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto; PUPO-WALKER, Enrique. **Historia de la literatura hispanoamericana, del Descubrimiento al Modernismo I**. Madrid: Gredos, 2006.

HERNÁNDEZ TORRES, Víctor Manuel. **Importancia del trabajo de Miguel León Portilla**. (2004). Disponível em: <http://www.ensayistas.org/critica/generales/C-H/mexico/portilla.htm>. Acesso em: 24/05/2013, 16:00:52.

HUMBOLDT, Alejandro de. **Breviario del Nuevo Mundo**. Selección y presentación: Oscar Rodríguez Ortiz. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1993.

JOZEF, Bella. Literatura e história: Um diálogo de Textos. In. **Dossier O intelectual latino-americano ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Revista Hispanista, 2012. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/artigo396.htm>. Acesso em: 11/11/2012, 10:26:49.

LAS CASAS, Bartolomé. **La brevísima relación de la destrucción de las Indias**. 14ª ed., Madrid: Cátedra, 2005.

BOJÓRQUEZ, Mario. **Lectura de los “Cantares mexicanos”**: Manuscritos de Tlatelolco. (2012). Disponible em: http://refundacion.com.mx/revista/index.php?option=com_k2&view=item&id=411:lectura-de-los. Acesso em: 24/05/2013, 16:44:19.

LEÓN PORTILLA, Miguel. **El Reverso de la Conquista**. México: Joaquín Mortiz, 1992. _____ . **Visión de los vencidos**. México: UNAM/DGSCA, 2003.

LÓPEZ GÓMARA, Francisco de. **Historia general de las Indias y vida de Hernán Cortés**. Prólogo y cronología de Jorge Gurría Lacroix. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1991.

_____. **Historia de la conquista de México**. Prólogo y cronología de Jorge Gurría Lacroix. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1979.

LOSADA, Alejandro de. **Creación y Praxis – La producción literaria como praxis social en Hispanoamérica y el Perú**. Lima: UNMSA, 1976.

MÁYNEZ, Pilar. **Visión de los vencidos a cincuenta años de su publicación**. México: Revistas Náhuatl (UNAM), 2009. Disponible em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn40/835.pdf>. Acesso em: 24/05/2013, 15:02:33.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª Ed., São Paulo: Cultrix, 2004.

MOLINA CAMPODONICO, Ana María. **Del Nuevo al Viejo Mundo**: Las controversias de la Brevisima relación de la destrucción de las Indias de fray Bartolomé de las Casas. Lima: PUCP, 2008. Disponible em: <http://tesis.pucp.edu.pe/repositorio/handle/123456789/640>. Acesso em: 22/09/2012, 20:25:24.

MORENO DE LOS ARCOS, Roberto. Presentación. In. LEÓN PORTILLA, Miguel. **Visión de los vencidos**. México: UNAM/DGSCA, 2003.

RIBEIRO, Luis Filipe: Literatura e História: uma relação muito suspeita. In. **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela: Laidvento, 2000. Disponible em: <http://lfilipe.tripod.com/geometria/historia.html>. Acesso em: 12/02/2013, 17:49:18.

RODRÍGUEZ VARGAS, Judith. **Reseña de El Reverso de la Conquista Miguel León Portilla**. (2007) Disponible em: http://www.arts-history.mx/semanario/index.php?id_notas=22062007134118. Acesso em: 24/05/2013, 15:10:15.

ROMANO, Ruggiero. **Os Mecanismos da Conquista Colonial**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SAHAGÚN, Bernardino de. **El México Antiguo**. Edición, selección, prólogo y cronología de José Luis Martínez. Fundación Biblioteca Ayacucho, 1981.

TEGLIA, Vanina María. **El nativo americano en Bartolomé de las Casas:** la proto-etnología “colegida” de la polémica. México: Revista de Estudios Latinoamericanos, núm. 54, 2012, pp. 217-247, Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64023055009>. Acesso em: 24/05/2013, 15:49:11.

TROUCHE, André. **América: história e ficção.** Niterói: EdUFF, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América:** A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VEYTIA, Jorge. **El nacimiento de la nación mexicana:** La conquista. (1999). Disponível em: http://clio.rediris.es/clionet/fichas/mexico_nacion.htm. Acesso em: 24/05/2013, 15:44:05.